

Astronautas do Além



Francisco Cândido Xavier
J. Herculano Pires
Espíritos Diversos

GEM

Francisco Cândido Xavier
J. Herculano Pires
Espíritos diversos

Astronautas do Além

3º livro da série “Na Era do Espírito”



Frederic Church
O rio de luz



Sinopse

Astronautas do Além

Este é o terceiro dos quatro livros integrantes da série “Na Era do Espírito”, que contém estudos e dissertações sobre os principais problemas que afligem o ser humano. Questões familiares, provas e expiações, a lei de causa e efeito, desencarnações coletivas, o perdão, a prece, entre outros importantes temas, são estudados sob a visão da Doutrina Espírita.

Os temas propostos pelos irmãos encarnados foram respondidos por Emmanuel e outros trabalhadores do plano espiritual, através da mediunidade de Chico Xavier, e em seguida comentados pelo filósofo e escritor espírita J. Herculano Pires, que abordou por novo ângulo cada assunto tratado.

Esta obra constitui valioso material de estudo doutrinário para todos os que se interessam pelos problemas relacionados à nossa evolução espiritual.

Livros que compõem a série “Na Era do Espírito”:

- Chico Xavier Pede Licença1972
- Na Era do Espírito1973
- Astronautas do Além1974
- Diálogo dos Vivos1974

Homenagem e gratidão a

Francisco Cândido Xavier

e Rolando Ramacciotti

Sumário

De outras dimensões (Prefácio de Emmanuel).....	7
Os Espíritos e os astros (Prefácio de J. Herculano Pires).....	8
1. Tarefairos da Doutrina (Chico Xavier)	13
Legendas do Obreiro da Verdade (Emmanuel).....	14
Todos são importantes (J. Herculano Pires).....	16
2. Brevidade da vida (Chico Xavier)	18
Trova do tempo (Lucano dos Reis).....	19
Tempo de viver (J. Herculano Pires)	21
3. Trovas em resposta (Chico Xavier)	23
Suicídio (Cornélio Pires).....	24
O autocastigo (J. Herculano Pires).....	26
4. Cidadania paulistana (Chico Xavier)	28
Mensagem de paz (Emmanuel).....	30
O esquema de Deus (J. Herculano Pires).....	32
5. Nos casos de adoção (Chico Xavier)	33
Filhos adotivos (Emmanuel)	34
A ilusão do sangue (J. Herculano Pires)	36
6. À espera de um amigo (Chico Xavier).....	38
Quem é? (Cid Franco).....	39
Cid e o samaritano (J. Herculano Pires).....	41
7. Indagações (Chico Xavier).....	43
Não tema (André Luiz)	44
Respostas (J. Herculano Pires).....	45
8. A filha excepcional (Chico Xavier)	47
Vinculação redentora (Silva Ramos)	48
A solução do enigma (J. Herculano Pires).....	49
9. O que fazer? (Chico Xavier)	51
No rumo da paz (André Luiz).....	52
Anjo em formação (J. Herculano Pires).....	54

10. A parálitica (Chico Xavier).....	56
Refazimento (Epifânio Leite).....	57
Dor: lei de equilíbrio (J. Herculano Pires).....	59
11. Guerras e aflições (Chico Xavier).....	61
Paz e amor (Emmanuel).....	62
O tijolo do amor (J. Herculano Pires).....	64
12. Vencendo o tóxico (Chico Xavier).....	66
Carta de pai (J. R.).....	67
Mundos paralelos (J. Herculano Pires).....	69
13. Sobre o casamento (Chico Xavier).....	71
União a dois (Emmanuel).....	72
As leis do casamento (J. Herculano Pires).....	74
14. Água na fonte (J. Herculano Pires).....	75
A quem? (Tobias Barreto).....	76
As asas do condor (J. Herculano Pires).....	77
15. Cid Franco de volta (Chico Xavier).....	79
Que será de nós? (Cid Franco).....	80
A Páscoa de todos (J. Herculano Pires).....	82
16. Imperativos da indulgência (Chico Xavier).....	83
Apoio e bênção (Emmanuel).....	84
A lâmpada acesa (J. Herculano Pires).....	86
17. Cansados e tristes (Chico Xavier).....	88
Retrato da fé (Maria Dolores).....	89
Retrato do tédio (J. Herculano Pires).....	92
18. Respeito aos pais (Chico Xavier).....	93
Ouça, mãezinha (Maria Dolores).....	94
A nova dimensão (J. Herculano Pires).....	97
19. Problemas da família (Chico Xavier).....	99
Notas do lar (Espíritos diversos).....	100
Cadinho de prata (J. Herculano Pires).....	102
20. Atritos e conflitos (Chico Xavier).....	104
Compadece-te e acertarás (Emmanuel).....	105
A medida certa (J. Herculano Pires).....	107

21. Comportamento verbal (Chico Xavier).....	109
Auto-retrato (Albino Teixeira).....	110
Martelada final (J. Herculano Pires).....	111
22. Receio e desânimo (Chico Xavier)	113
Vencerás (Emmanuel).....	114
A técnica da vitória (J. Herculano Pires)	116
23. Reclamações amargas (Chico Xavier)	118
Ódio e vida (Cornélio Pires)	119
A desforra é perdoar (J. Herculano Pires).....	121
24. Conflitos domésticos (Chico Xavier).....	123
O parente difícil (Emmanuel)	124
A alquimia do amor (J. Herculano Pires).....	126
25. Apreensões e conflitos (Chico Xavier)	128
Lembrança de companheiro (Emmanuel)	129
No trânsito da vida (J. Herculano Pires)	131
26. Mocidade e velhice (Chico Xavier)	133
Idade (Emmanuel).....	134
O inquilino do corpo (J. Herculano Pires)	135
27. Felicidade na Terra (Chico Xavier)	137
Paz íntima (André Luiz).....	138
O esquema da felicidade (J. Herculano Pires)	139
28. Sobre o feminismo (Chico Xavier)	141
Notas de mulher (Espíritos diversos).....	142
Conjugação verbal (J. Herculano Pires).....	144

De outras dimensões

(Prefácio de Emmanuel)

Leitor amigo.

Mensageiros de outras dimensões,¹ aqui estamos nas páginas deste livro, de mãos entrelaçadas com os amigos corporificados na Terra, a fim de entregar-te ao coração fraterno os informes da vida que tumultua e brilha além da morte.

* * *

Tão só porque sejamos portadores de boas-novas, isso não quer dizer que estejamos em condições de angelitude.

Somos apenas teus irmãos, carregando o buril do aperfeiçoamento sobre nós mesmos e fitando novas luzes sem que essas mesmas luzes brotem puras de nós.

Caminhamos igualmente, qual te acontece, em demanda ao Mais Alto.

* * *

Ainda assim temos um privilégio: Tanto quanto sucede aos carteiros do mundo que te buscam o endereço entregando-te notícias de bênção e esperança, também nós, os viajores de outras estradas, alcançamos a porta de teu coração para dizer-te em palavras de paz que Deus é amor e luz em tudo quanto existe, que a morte é vida nova, que a justiça nos rege, que a dor nos aprimora, que o trabalho nos guia para além de nós mesmos e que a alegria imperecível a todos nos espera, no infinito do Tempo e nas forças do Espaço, para sermos, um dia, na suprema união, plenamente imortais, ante o esplendor sem sombra da grandeza de Deus.

Uberaba, 3 de outubro de 1973.

Emmanuel

Os Espíritos e os astros

(Prefácio de J. Herculano Pires)

Nas sessões mediúnicas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, dirigidas pelo próprio Kardec, não se manifestavam apenas Espíritos terrenos. Entidades pertencentes a outros mundos comunicavam-se dando curiosas informações sobre a vida no Cosmos. A coleção da *Revista Espírita*, correspondente ao período em que Kardec a redigiu, durante quase doze anos, ofereceu-nos várias dessas comunicações. E mesmo antes desse período, como vemos em *O Livro dos Espíritos*, o Codificador foi seguramente informado por Espíritos de evidente elevação sobre os diferentes graus de evolução dos mundos, as inumeráveis moradas da Casa do Pai, segundo a conhecida expressão de Jesus registrada nos Evangelhos.

Episódio altamente significativo, menosprezado e ridicularizado pelos adversários da Doutrina, foi o da comunicação de Mozart e Bernard Pallissy, que se diziam reencarnados em Júpiter. Vários desenhos de aspectos da vida em Júpiter foram transmitidos por esses dois Espíritos, servindo de médium desenhista o famoso teatrólogo Victorien Sardou que por sinal nunca se havia entregado a essa arte, para a qual não dispunha, em seu estado normal, de nenhuma habilidade.

Segundo disseram esses Espíritos, Marte seria o planeta mais inferior do nosso sistema solar e Júpiter o mais elevado. As descrições mediúnicas de Marte nos oferecem uma visão do que podemos chamar o Averno espírita, enquanto Júpiter se define como o Olimpo espírita. As pesquisas astronômicas posteriores e as da Astronáutica em nossos dias não desmentem essas informações, no tocante ao que foi possível constatar até agora. É verdade que também ainda não as confirmaram, mas sugerem a confirmação.

No caso de Marte, os Espíritos revelaram tratar-se de um planeta de precárias condições de vida, habitado por criaturas subumanas e com vastas regiões de completa aridez. Essas condições estão hoje positivadas pelas sondas espaciais, mas a exis-

tência de vida humana ainda não foi verificada. Continua, entretanto, como possibilidade, pois Marte possui atmosfera e água.

No tocante a Júpiter, os astrônomos constataram que se trata do maior planeta do sistema, apesar disso extremamente leve. Chegou-se mesmo a formular a teoria de que Júpiter seria um pequeno planeta de constituição sólida, mas envolvido por enorme camada de gás congelado. Essa hipótese corresponde à informação espiritual de que Júpiter é de constituição diferente da Terra, formado por matéria rarefeita. Daí a sua extrema leveza, apesar de seu grande volume. A população de Júpiter, segundo os Espíritos, seria constituída de corpos materiais bastante leves, equivalendo ao nosso corpo espiritual.

Kardec registrou essas informações e considerou-as lógicas, mas lembrou que a sua aceitação como reais dependeria de investigações futuras, naturalmente a cargo dos astrônomos, pois o assunto não pertence especificamente à Ciência Espírita, cujo objeto é o espírito humano e suas relações com os homens. O critério científico de Kardec na pesquisa espírita ficou mais uma vez bem patente com esse curioso episódio.

Hoje, com o desenvolvimento acelerado das pesquisas cósmicas, a Astronáutica é a Ciência incumbida desse problema. E a teoria espírita da pluralidade dos mundos habitados, que o astrônomo Camille Flammarion, também médium de Kardec, aprovou corajosamente, já se tornou opinião pacífica nos meios científicos. Pouco a pouco vão se fazendo as provas da existência de vida semelhante à da Terra em outros mundos e outras galáxias.

O Espiritismo considera o homem como um herdeiro do Cosmos. Seu destino não é apenas a Terra, durante a vida orgânica, e o mundo espiritual depois da morte. As Moradas da Casa do Pai o aguardam no Infinito. Por isso a expansão marítima do século XVI começa agora a ser ampliada com a expansão celeste. Novas Sagres se instalaram na Terra e as proas de suas navas não apontam para a imensidade oceânica, mas para a infinitude dos céus. Vamos descobrir as terras estelares, como os navegantes portugueses e espanhóis descobriram no seu tempo as terras oceânicas.

Ao lado da Astronáutica material, porém, existe a Astronáutica espiritual. Os homens não avançam no espaço cósmico tão somente em naves construídas de metal. Avançam em seus escafandros espirituais, em astronaves etéreas. São as *almas viajoras* de que falava Plotino, o sucessor de Platão na era helenística. Emigram de um mundo para outro no Cosmos, da mesma forma que emigram entre os continentes na Terra.

Por duas maneiras, portanto, o Espiritismo nos abre as sendas do Infinito. A evolução terrena equipa o homem para a conquista material dos mundos de constituição semelhante à da Terra. A evolução espiritual equipa o espírito para a conquista dos mundos de constituição fluídica ou etérea. O homem, espírito encarnado, pode ser um astronauta do Cosmos físico, num raio de ação limitado pelas possibilidades materiais. O Espírito, homem desencarnado, é naturalmente um astronauta do Além, dispondo de possibilidades infinitas em suas incursões pelo Cosmos etéreo. A *alma viajora* de Plotino, que errava nas hipóstases do universo terreno, elevando-se aos planos espirituais com a morte e voltando ao plano terreno com a reencarnação, adquire no Espiritismo um alcance infinito em suas migrações.

Bastaria esse aspecto da Doutrina para nos mostrar a sua plena integração na Era Cósmica. Neste livro não há comunicações sobre outros mundos. Estamos ainda muito empenhados em nossos problemas planetários que precisamos solucionar no âmbito doméstico da Terra, para cuidar de questões mais amplas. Mas nem por isso os Espíritos comunicantes deixam de ser astronautas do Além, pois descem das hipóstases do universo terreno, ou seja, dos mundos espirituais que circundam o nosso planeta, para nos trazerem as mensagens de fraternidade de outros mundos.

Essa a razão do título escolhido para este volume. Somos todos, na verdade, *Astronautas do Além*. Se estamos hoje no Aquém, imantados ao solo do planeta, é porque ainda nos encontramos na Escola de Sagres do infinito, sujeitando-nos aos cursos de preparação necessários ao controle futuro das viagens espaciais. E essa preparação abrange as técnicas diferenciadas, mas não obstante conjugadas, da Astronáutica física e da Astronáutica celeste. O desenvolvimento das faculdades psíquicas do homem

se acelera em nossos dias porque a Era Cósmica já se iniciou. Os fenômenos paranormais de que trata a Parapsicologia constituem o equipamento etéreo dos astronautas físicos, pois sem a telepatia, a precognição, a retrocognição e a clarividência, nossos astronautas estarão sempre ameaçados pelas surpresas do meio cósmico.

Os fenômenos paranormais nada mais são do que os fenômenos mediúnicos. Não existe um campo específico de fenômenos parapsicológicos. Os verdadeiros parapsicólogos não criam problemas com referência ao Espiritismo, pois sabem muito bem que estão trabalhando em campo espírita. Só os falsos parapsicólogos, em geral incapazes de compreender a ciência que dizem cultivar e pretendem ensinar, estabelecem um conflito imaginário entre Parapsicologia e Espiritismo. Sofrem da cegueira mental do sectarismo ou de incompetência intelectual. São os beneficiários do preconceito cultural e religioso que impede até agora as nossas Universidades de acertarem o passo dos seus currículos estreitos com as dimensões maiores dos currículos mundiais. Vivem parasitando a ignorância acadêmica e sugando impunemente a ignorância popular, desarmada diante do assalto vampiresco à sua ingenuidade.

Este livro prova, em seus vários capítulos, que refletem a vivência real da mediunidade em nossa terra, que os fatos mediúnicos são a matéria prima da pesquisa parapsicológica. Dispostos de uma tradição de mais de um século nesse terreno, mas os nossos meios universitários preferem marcar passo na retaguarda da cultura mundial, franqueando aos incompetentes e aos espartalhões os poderosos filões mediúnicos das nossas camadas populares.

O material reunido neste volume corresponde ao período que vai de 14 de janeiro de 1973 a 21 de julho de 1973 na divulgação das mensagens psicográficas recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier, seguidas dos comentários de Irmão Saulo, pseudônimo de que nos servimos para a publicação de crônicas espíritas na imprensa, há mais de um quarto de século. Com este são três os volumes já publicados, sendo os dois anteriores os seguintes: *Chico Xavier Pedo Licença* e *Na Era do Espírito*.

Esses volumes documentam de maneira viva a atividade mediúnica de Francisco Cândido Xavier e seu relacionamento direto com a vida do nosso povo. As explicações do próprio médium sobre as condições e as motivações da recepção dessas mensagens constituem valioso material de estudo para todos os que realmente se interessam pelos problemas espirituais.

São Paulo, 3 de outubro de 1973.

J. Herculano Pires

1

Tarefeiros da Doutrina

(Chico Xavier)

Em nossa reunião eram muitas as considerações em torno dos companheiros encarregados da divulgação do Espiritismo. As opiniões eram as mais diversas, quando as tarefas foram iniciadas.

O Evangelho Segundo o Espiritismo nos ofereceu o item 5 do capítulo XX, sobre os tarefeiros da nossa Doutrina de amor e luz. E o nosso caro Emmanuel, como sempre sucede, comentou o apontamento em estudo na página “Legendas do Obreiro da Verdade”.

1**Legendas do Obreiro da Verdade****(Emmanuel)**

- Compreender que as necessidades e as esperanças dos outros são fundamentalmente iguais às nossas.
- Auxiliar sem exigir que o beneficiado nos tome as ideias.
- Reconhecer que a Divina Providência possui estradas inúmeras para socorrer as criaturas e iluminá-las.
- Aprender a tolerar com paciência as pequenas humilhações, a fim de prestar os grandes testemunhos de sacrifício pessoal que a Causa da Verdade lhe reclamará possivelmente algum dia.
- Esquecer-se pela obra que realiza.
- Guiar-se pela misericórdia e não pela crítica.
- Abençoar sem reprovar.
- Construir ou reconstruir, sem ofender ou condenar.
- Trabalhar sempre sem o propósito de ser ou parecer o maior ou o melhor ante os demais.
- Cultivar ilimitadamente a cooperação e a caridade.
- Coibir-se de irritação e de azedume.
- Agir sem criar problemas.
- Observar que sem a disciplina individual no campo do bem, a prática do bem se faz impossível.
- Respeitar a personalidade dos companheiros.
- Encontrar ocasião para atender à bênção da prece.
- Deter-se nas qualidades nobres e olvidar as prováveis deficiências do próximo.
- Valorizar o esforço alheio.
- Nunca perder tempo.

- Apagar inimizades ou discórdias através da desculpa fraterna e do serviço constante que devemos uns aos outros.
- Criar oportunidades de trabalho para si, ajudando aos outros no sentido de descobrirem as oportunidades de trabalho que lhes digam respeito à capacidade e às possibilidades de realização, conservando em tudo a certeza inalterável de que toda pessoa é importante na edificação do Reino de Deus.

1

Todos são importantes**(J. Herculano Pires)**

Somos iguais perante a seara, porque somos todos iguais perante o Senhor da Seara. Deus não faz acepção de pessoas, nem de posições e muito menos de instituições. O item 5 do capítulo XX de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* estabelece esta condição essencial: “Felizes os que tiverem trabalhado o campo do Senhor com desinteresse e movidos apenas pela caridade”. Emmanuel conclui a sua mensagem lembrando “que toda pessoa é importante na edificação do Reino de Deus”.

Querer que não haja discordâncias entre os que trabalham na divulgação e na sustentação da Doutrina seria acalentar quimeras. Cada consciência humana, como ensina Hubert, é um ponto na correnteza da duração. Cada um de nós está colocado num ângulo determinado do eterno fluir da realidade. Cada qual, portanto, tem a sua maneira própria de ver as coisas.

O Espiritismo nos ensina que nos completamos uns aos outros pelas nossas diferenças. Mas se diferimos nos acessórios, concordamos sempre no essencial. Por isso mesmo a caridade – que é o amor em ação – deve eliminar as arestas do nosso personalismo, ensinando-nos que todos somos importantes na busca e na conquista da verdade.

Claro que não devemos concordar com tudo e tudo aprovar em silêncio, pois a tolerância de acomodação equivale a cumplicidade com o erro. A crítica maldosa e orgulhosa, que condena tudo o que é feito pelos outros, é a negação da caridade. Mas aí de nós se suprimirmos a crítica do meio espírita! Porque é ela, quando sensata e sincera, a prática da vigilância que Jesus ensinou e Paulo exemplificou. Como utilizar o “crivo da razão”, de que nos fala Kardec, se abdicarmos do direito de pensar, que mais do que um direito é um supremo dever do espírito?

Quando Emmanuel diz: “Guiar-se pela misericórdia e não pela crítica” está se referindo à crítica negativa que nasce do orgulho e não à crítica positiva que brota espontânea e necessária do

juízo imparcial e fraterno, objetivando corrigir e portanto ajudar. O lema “valorizar o esforço alheio” não implica a valorização dos erros e dos enganos do próximo, mas o reconhecimento dos esforços feitos por todos a favor da causa comum. Todos precisamos de misericórdia, mas a misericórdia, como Deus nos mostra em sua lei de ação e reação, não é a aprovação de erros e ilusões – e sim a correção e o esclarecimento.

2

Brevidade da vida

(Chico Xavier)

A página de trovas do nosso amigo espiritual Lucano dos Reis foi recebida no encerramento de nossa reunião pública. Ante o reinício do tempo, no ano novo,² as conversações que nos precederam as tarefas versaram sobre a brevidade da existência humana.

Companheiros diversos se reportavam ao pesar por certas oportunidades perdidas, enquanto outros lançavam indagações sobre a significação do tempo em nossa vida.

No começo dos trabalhos *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu a questão 992, dando motivos a justas reflexões.

2

Trova do tempo**(Lucano dos Reis)**

Ensino que a vida insiste
Em compor e recompor:
– O tempo que faz o ódio
É o mesmo que faz o amor.

A criatura sem tempo,
Que não gasta o tempo em vão,
Em tempo algum acha tempo
Para ouvir a tentação.

Há quem não roube dinheiro,
Nem vantagem parecida,
Mas furta o valor do tempo
Necessário à luz da vida.

Filosofia do tempo
Em qualquer tempo e lugar:
– Infeliz do coração
Que não consegue esperar.

O tempo recorda a gleba
Onde a mata se agiganta,
Recebe qualquer semente,
Dá tudo do que se planta.

Bondade, apoio, serviço,
Resgate, atenção, dever...
Nota que o tempo não para,
Não há momento a perder.

Ação é a mente por fora
Que nos põe a vida em tela,
Os outros nos fotografam,
Depois o tempo revela.

Para encontrar a justiça
Reflete no Eterno Bem...
Deus dá tempo igual a todos,
Não menospreza ninguém.

2

Tempo de viver**(J. Herculano Pires)**

Desde que o homem começou a pensar, a tomar consciência de si mesmo e do mundo, o problema do tempo o preocupou. Muitos equacionaram esse problema, mas ninguém o resolveu. O primeiro aforismo de Hipócrates aparece em latim na forma clássica de *Ars longa, vita brevis* que Camões repete neste verso: “Para tão curta vida, tão longa arte!” O simpósio espírita semanal de Uberaba teria também de enfrentar esse problema, mas agora dispondo da solução espírita.

O Eclesiastes afirma que Deus fez tempo para tudo. Em *A Gênese* de Allan Kardec, temos uma definição do tempo que nos mostra a sua relatividade. Essa concepção da relatividade do tempo se acentua na doutrina das vidas sucessivas, das existências palingenésicas que são solidárias entre si. Para cada existência, um determinado tempo – o tempo necessário à execução das tarefas que o Espírito traz como sua incumbência inalienável na reencarnação.

Assim, o aforismo *Ars longa, vita brevis* corresponde apenas a uma visão limitada das coisas. Deus nos concede tempo para tudo, mas não nos exíguos limites de uma encarnação. Camões via a extensão infinita da arte, em que poderia criar sem cessar, mas se angustiava com o tempo exíguo de que dispunha. Não obstante, além dos limites existenciais ele poderia dispor do ilimitado da vida que se amplia na duração em termos de imortalidade. Assim como o dia é curto para a execução de um trabalho, mas podemos prolongá-lo com o dia seguinte, assim acontece na sucessão das encarnações.

As Filosofias da Existência nos reclamam atenção para o *aqui* e o *agora*, mas o existencialismo espírita, valorizando essas categorias no momento que passa, não se esquece de que já dispusemos do *ontem* e dispostemos do *amanhã*. No tempo anterior, no *ontem*, condicionamos o *aqui* e o *agora* à execução de determinadas tarefas e Deus nos concede *hoje* o tempo para isso. Se a-

proveitarmos bem o tempo concedido, ele não nos parecerá insuficiente. Se o esbanjarmos condicionaremos o *amanhã* a novas angústias de tempo.

É assim que podemos entender os versos finais de Lucano dos Reis:

Deus dá tempo igual a todos,
não menospreza ninguém.

Reclamamos do tempo o que devíamos reclamar de nós mesmos, pois o que nos falta neste momento corresponde exatamente ao que desperdiçamos ainda há pouco. Se aproveitarmos com inteligência e cuidado cada minuto que passa, veremos que Deus nos concedeu tempo para tudo o que temos realmente de fazer nesta vida.

3

Trovas em resposta

(Chico Xavier)

Temos uma página recebida em nossa reunião pública; assinada por nosso amigo Cornélio Pires, hoje obreiro da luz e da bondade no mundo espiritual.

Há dias recebi carta de um companheiro que foi amigo pessoal dele na Terra, solicitando a sua opinião a respeito do suicídio. Durante a reunião lembrávamos do assunto, com vistas às nossas tarefas da noite.

Feita a prece inicial, *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu para estudo a questão 943.³ Ao término da reunião o nosso amigo espiritual mencionado escreveu as trovas a que intitulou “Suicídio”.

3

Suicídio**(Cornélio Pires)**

Suicídio, não pense nisso
Nem mesmo por brincadeira...
Um ato desses resulta
Na dor de uma vida inteira.

Por paixão, Quim afogou-se
Num poço de Guararema.
Renasceu em provação
Atolado no enfisema.

Matou-se com tiro certo
A menina Dilermanda.
Voltou em corpo doente,
Não fala, não vê nem anda.

Pôs fogo nas próprias vestes
Dona Cesária da Estiva...
Está de novo na Terra
Num corpo que é chaga viva.

Suicidou-se à formicida
Maricota da Trindade...
Voltou... Mas morreu de câncer
Aos quatro meses de idade.

Enforcou-se o Columbano
para mostrar rebeldia...
De volta, trouxe a doença,
Chamada paraplegia.

Queimou-se com gasolina
Dona Lília Dagele.
Noutro corpo sofre sarna
Lembrando fogo na pele.

Tolera com paciência
Qualquer problema ou pesar;
Não adianta morrer,
Adianta é se melhorar.

3

O autocastigo**(J. Herculano Pires)**

Deus não castiga o suicida, pois é o próprio suicida quem se castiga. A noção do castigo divino é profundamente modificada pelo ensino espírita. Considerando-se que o Universo é uma estrutura de leis, uma dinâmica de ações e reações em cadeia, não podemos pensar em punições de tipo mitológico após a morte. Mergulhado nessa rede de causas e efeitos, mas dotado do livre arbítrio que a razão lhe confere, o homem é semelhante ao nadador que enfrenta o fatalismo das correntes de água, dispondo de meios para dominá-las.

Ninguém é levado na corrente da vida pela força exclusiva das circunstâncias. A consciência humana é soberana e dispõe da razão e da vontade para controlar-se e dirigir-se. Além disso, o homem está sempre amparado pelas forças espirituais que governam o fluxo das coisas. Daí a recomendação de Jesus: “Orai e vigiai”. A oração é o pensamento elevado aos planos superiores – a ligação do escafandrista da carne com os seus companheiros da superfície – e a vigilância é o controle das circunstâncias que ele deve exercer no mergulho material da existência.

O suicida é o nadador apavorado que se atira contra o rochedo ou se abandona à voragem das águas, renunciando ao seu dever de vencê-las pela força dos seus braços e o poder da sua coragem, sob a proteção espiritual de que todos dispomos. A vida material é um exercício para o desenvolvimento dos poderes do Espírito. Quem abandona o exercício por vontade própria está renunciando ao seu desenvolvimento e sofre as consequências naturais dessa opção negativa. Nova oportunidade lhe será concedida, mas já então ao peso do fracasso anterior.

Cornélio Pires, o poeta caipira de Tietê, responde à pergunta do amigo através de exemplos concretos que falam mais do que os argumentos. Cada uma de nossas ações provoca uma reação da vida. A arte de viver consiste no controle das nossas ações (mentais, emocionais ou físicas) de maneira que nós mesmos nos

castigamos ou nos premiamos. Mas mesmo no autocastigo não somos abandonados por Deus, que vela por nós em nossa consciência.

4

Cidadania paulistana**(Chico Xavier)**

A Câmara Municipal de São Paulo outorgou a Francisco Cândido Xavier o título de Cidadão Paulistano.⁴ Escrevemos ao médium felicitando-o e considerando a significação do fato para o Espiritismo que vem assim obtendo o reconhecimento oficial do seu valor religioso e cultural em nosso País, de maneira inteiramente espontânea. Chico Xavier respondeu com a carta que abaixo transcrevemos em seus tópicos essenciais. (J. Herculano Pires).

“Caro amigo:

“A sua carta foi para mim uma bênção de reconforto e alegria. Muito grato pelo que me diz, com a sua bondade de amigo. Sinceramente, nunca fui a qualquer solenidade de caráter espírita com a ideia de estar ali com o meu nome ou supostos méritos pessoais. Sempre tenho ido a essas ocorrências cumprindo um dever para com os nossos princípios. Nada mais do que isso.

“Sempre me sinto, nessas ocorrências, à feição do mais ínfimo empregado de uma organização que estivesse nesses acontecimentos para receber algum documentário claramente da firma que me engajou em serviço. Apesar disso, a ala dos adversários não se cansa de me escrever acusando-me de vaidade, de orgulho, de pedantismo e de outras perturbações.

“Agradeço, desse modo, as suas benditas palavras, porque as considerações que temos recebido são dedicadas ao Espiritismo e não a mim. E, em verdade, não posso responder com pedradas a essas manifestações de respeito e carinho para com a nossa Doutrina.

“Envio-lhe a mensagem psicografada em nossa reunião pública. Alguns dos visitantes comentaram, antes da reunião, o problema da paz. Isso acontecia provavelmente em razão dos acontecimentos do Vietnã, nos dias últimos, e as opiniões, como sempre sucede, eram as mais variadas.

“As tarefas começaram e *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu a exame a questão 921, surgindo edificantes explicações de parte dos irmãos presentes. Ao término da reunião o nosso caro Emmanuel escreveu a página “Mensagem de Paz”.”

4

Mensagem de paz**(Emmanuel)**

Na aplicação de qualquer receita destinada à composição da felicidade, não te esqueças do aviso de que a felicidade nasce de ti mesmo.

Não aguardes do mundo a segurança que tão somente poderá ser construída por ti mesmo, dentro de ti.

* * *

Nunca menosprezes o trabalho que a vida te confiou.

A tarefa que desempenhas hoje é a base de teu apoio futuro.

Aceita-te como és e com aquilo de que disponhas para realizar o melhor que possas.

* * *

Observa sempre que não existe criatura alguma destituída de valor e da qual não venhas a necessitar algum dia.

* * *

Quanto possível, conserva a luz da virtude que te norteia a elevação, mas não permitas que a tua virtude viva sem escadas para descer ao encontro daqueles que se debatem sob a ventania da adversidade, a te pedirem socorro e compreensão.

* * *

Sê fiel ao campo da verdade que abraças, sem desconsiderar a parte da verdade em que os outros se encontram.

* * *

Usa a paciência nas pequenas dificuldades para que te não falte serenidade nas grandes crises que todos somos levados a facear nas trilhas do tempo.

* * *

Não te apegues aos anseios da juventude, nem te acomodes com o cansaço de muitos que ainda não aprenderam a viver com a criatividade da madureza.

* * *

Recorda que até hoje ninguém descobriu o ponto de interação onde termina a fadiga e começa a ociosidade.

* * *

Em qualquer tempo, exercita a fortaleza espiritual para que as tuas energias não se dissolvam, de inesperado, quando as calamidades da experiência humana se façam inevitáveis.

* * *

Resigna-te a transitar no mundo, entre os que se te revelem na condição de opositores naturais aos teus pontos de vista, mas não formes inimigos nem cultives ressentimentos.

* * *

Não abuses e nem brinques com os sentimentos alheios.

* * *

Guarda a tua paz, ainda mesmo nas grandes lutas.

* * *

Não creias em pessimismo e derrota, solidão e abandono, porque se amas conforme determinam as Leis do Universo, descobrirás a beleza e a alegria em qualquer circunstância e em qualquer parte da Terra.

E jamais desesperes, porquanto sejas quem sejas e estejas onde estiveres, ninguém te pode furtar o privilégio da imortalidade e nem te arredar do Esquema de Deus.

4

O esquema de Deus**(J. Herculano Pires)**

Estamos todos entrosados no Esquema de Deus. Esse esquema nos leva, através do tempo, à paz da eternidade. Mas o conceito estático de eternidade não prevalece no Espiritismo, onde ela aparece como duração. O tempo é a visão fragmentária da duração, um recorte do absoluto para o uso das nossas percepções relativas. Os que se apegam ao relativo, às ilusões do temporário, esquecidos de sua própria transcendência, vivem na inquietação e portanto em guerra consigo mesmos e com o mundo.

O Esquema de Deus é o plano universal da evolução do qual vemos apenas alguns pedaços acessíveis aos nossos sentidos. Mas a nossa mente, que é o cérebro da alma, pode perceber além dos sentidos. Por isso, nas experiências parapsicológicas já se comprovou, cientificamente, que podemos ver com nitidez o passado e o futuro, confirmando-se, assim, as pesquisas espíritas de mais de um século. Os que aprendem a se libertar do relativo para vislumbrar a duração (que é a eternidade em conceito dinâmico) aprendem a superar a inquietação e encontrar a paz.

Pela evolução, nossa mente se abre, como uma flor que desabrocha, para a percepção progressiva do absoluto que nos proporciona a paz. Não a paz do mundo, como ensinou Jesus, mas a paz do espírito. A percepção individual dessa paz se transforma aos poucos, em conquista coletiva, na proporção em que a humanidade se eleva e o mundo se transforma. Assim, pela evolução dos homens e do mundo, a paz do espírito, que parece individual, se revelará coletiva e universal. É importante sempre nos lembrarmos de que nada e ninguém nos poderá arredar do Esquema de Deus.

5

Nos casos de adoção

(Chico Xavier)

Nossa reunião pública foi precedida de muitos comentários, por parte de vários amigos que nos visitavam a instituição, procedentes de cidades diversas. Parecia-nos, porém, que estavam com encontro marcado para estudar a questão dos filhos adotivos.

As perguntas e opiniões eram de variado aspecto. “Devemos dar conhecimento aos filhos adotivos da condição em que se encontram conosco?” – indagavam alguns casais.

As respostas variavam. Muitos companheiros se manifestavam a favor da realidade clara, enquanto outros se expressavam de maneira contrária, acreditando que a verdade devia permanecer sempre velada para eles, de modo a que não fossem chocados negativamente.

Atingido o horário para a reunião e iniciadas as nossas tarefas, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* nos ofereceu para estudo o item 8 do capítulo XIV, em conexão com o assunto em debate.

“Filhos Adotivos” foi a mensagem que nosso benfeitor Emmanuel nos trouxe no encerramento dos trabalhos.

5

Filhos adotivos**(Emmanuel)**

Filhos existem no mundo que reclamam compreensão mais profunda para que a existência se lhes torne psicologicamente menos difícil.

Reportamo-nos aos filhos adotivos que abordam o lar pelas vias da provação, sem deixarem de ser criaturas que amamos enternecidamente.

Coloquemo-nos na situação deles para mais claro entendimento do assunto.

Muitos de nós, nas estâncias do pretérito, teremos pisoteado os corações afetuosos que nos acolheram em casa, seja escravizando-os aos nossos caprichos ou apunhalando-lhes a alma a golpes de ingratidão. Desacreditando-lhes os esforços e dilapidando-lhes as energias, quase sempre lhes impusemos aflição por reconforto, a exigir-lhes sacrifícios incessantes até que lhes ofertamos a morte em sofrimento pelo berço que nos deram em flores de esperança.

Um dia, no entanto, desembarcados no Mais Além, percebermos a extensão de nossos erros e, de consciência desperta, lastimamos as próprias faltas.

Corre o tempo e, quando aqueles mesmos Espíritos queridos que nos serviram de pais retornam à Terra em alegre comunhão afetiva, ansiamos retomar-lhes o calor da ternura, mas, nesse passo da experiência, os princípios da reencarnação, em muitas circunstâncias, tão somente nos permitem desfrutar-lhes a convivência na posição de filhos alheios, a fim de aprendermos a entesourar o amor verdadeiro nos alicerces da humildade.

Reflitamos nisso. E se tens na Terra filhos por adoção, habitue-te a dialogar com eles, tão cedo quanto possível, para que se desenvolvam no plano físico sob o conhecimento da verdade. Auxilia-os a reconhecer, desde cedo, que são agora teus filhos do coração, buscando reajustamento afetivo no lar, a fim de que não

sejam traumatizados na idade adulta por revelações à base de violência, em que frequentemente se lhes acordam no ser as labaredas da afeição possessiva de outras épocas, em forma de ciúme e revolta, inveja e desesperação.

Efetivamente, amas aos filhos adotivos com a mesma abnegação com que te empenhas a construir a felicidade dos rebentos do próprio sangue. Entretanto, não lhes ocultes a realidade da própria situação para que não te oponhas à Lei de Causa e Efeito que os trouxe de novo ao teu convívio, a fim de olvidarem os desequilíbrios passionais que lhes marcavam a conduta em outro tempo.

Para isso, recorda que, em última instância, seja qual seja a nossa posição nas equipes familiares da Terra, somos, acima de tudo, filhos de Deus.

5

A ilusão do sangue**(J. Herculano Pires)**

Não é o sangue que nos irmana, mas o espírito. Os laços consanguíneos são ilusórios e efêmeros. Kardec explica no item 8 do capítulo XIV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: “O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, pois já existia antes da formação do corpo. O pai não gera o espírito do filho. Fornece-lhe apenas o envoltório corporal, mas deve ajudar o seu desenvolvimento intelectual e moral, para fazê-lo progredir”. Filhos de outros pais, procedentes de outro sangue, podem ser muito mais ligados aos pais adotivos que os filhos consanguíneos.

Essa é uma das razões por que os pais adotivos geralmente não querem revelar a verdade aos filhos que adotaram. O amor paterno e materno ressurgente ante o filho que volta ao seu convívio. Mas Emmanuel revela um dos aspectos da lei da reencarnação que exige atenção e respeito. Os filhos que voltam ao lar por vias indiretas são Espíritos em prova e, portanto, em fase de correção moral. Precisam conhecer a sua verdadeira situação para que a medida corretiva atinja a sua eficiência. E se quisermos burlar a lei só poderemos acarretar-lhes maiores sofrimentos.

São muitos os dramas e muitas as tragédias ocasionadas pela imprudência dos pais que mentiram piedosamente aos filhos adotivos. Quando a verdade os surpreende, o choque emocional pode transtorná-los, fazendo-os perder a oportunidade de aprendizado que muitas vezes solicitaram com ardor na vida espiritual. Esta é uma razão nova que o Espiritismo apresenta aos pais adotivos, quase sempre apegados apenas às razões mundanas.

Aprendendo desde cedo a se acomodar à situação de prova em que se encontra, o filho adotivo resigna-se a ela e aproveita a lição de reajustamento afetivo. Amanhã voltará de novo como filho legítimo, mas já em condições de compreender os deveres da filiação. A vida aplica sempre com precisão os seus meios corretivos, mas nós nem sempre a ajudamos, esquecidos de que

os desígnios de Deus têm razões profundas que nos escapam à compreensão. Se Deus nos envia um filho por via indireta, devemos recebê-lo como veio e não como desejaríamos que viesse.

6

À espera de um amigo**(Chico Xavier)**

Na véspera da nossa reunião,⁵ conversávamos sobre a possibilidade de algum companheiro, recentemente desencarnado, trazer-nos a palavra deles, os que já estão no Além. Com surpresa recebemos nessa reunião um comunicado em versos do nosso amigo Sr. Cid Franco.

Não me lembro de conhecer alguma produção do nosso amigo no estilo de quadras em que nos escreveu, mas envio a mensagem no próprio original que recebemos, do qual deixamos cópia aqui, pois intimamente guardo a convicção de que foi o nosso amigo, Sr. Cid Franco, quem a escreveu por nosso intermédio.

Ele mesmo, hoje no plano espiritual, disse-me: “Chico, você pode enviar as minhas páginas ao nosso Herculano. Ele observará que sou eu mesmo e abraçará a minha gente por mim”.

Cumpro a recomendação do amigo espiritual. Aguardarei as suas notícias. O texto lido no início dos trabalhos foi o item 2 do capítulo XV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, sobre a parábola do Bom Samaritano.⁶

6

Quem é?**(Cid Franco)**

O outro!... Sabes quem é?
Por trás de quanto se vê,
É quem nos acorda a fé
Sem que se saiba com quê...

É aquele que vai contigo
No mesmo carro assentado,
É quem segue ao desabrigo
E nunca viste ao teu lado.

É o portador de uma prova
Que te surge, de improvisado,
É o irmão que te renova
No reconforto preciso.

É o companheiro que indaga,
É aquele que te responde,
É o pedinte aberto em chaga
Que vive não sabes onde...

É o grande homem da praça
Que espalha força e renome,
É o peregrino que passa
Cansado de febre e fome.

É aquele que te injuria,
A verbo de fel e brasa,
É quem te perturba ou guia
Por dentro da própria casa.

É a mulher, é o pequenino
É o jovem de sonho em flor,
É o doente em desatino,
O amigo e o perseguidor...

É quem cria amor e paz,
Quem te bate ou te maldiz,
É a pessoa que te faz
Feliz ou menos feliz.

O outro é o próximo... Alguém
Que nos revela em ação
Quanto já temos de bem
Nas trilhas da evolução.

6

Cid e o samaritano**(J. Herculano Pires)**

O original psicográfico do poema de Cid Franco foi examinado atentamente por alguns de seus amigos íntimos, por sua viúva, D. Alice Rosciano Franco e por seu filho Walter Franco, o famoso compositor jovem de músicas renovadoras. A letra do texto difere da caligrafia habitual da psicografia de Chico Xavier, aproximando-se bastante da letra do autor espiritual, quando encarnado. A assinatura é indiscutível: sua semelhança com a assinatura do homem confirma a legitimidade do Espírito e a autenticidade de sua manifestação.

Chico Xavier, como se vê no seu relato, não conhecia suficientemente a obra poética de Cid Franco e teve receio de que os amigos do saudoso poeta e radialista não aceitassem as suas trovas. Mas a sua convicção da legitimidade da mensagem e as afirmações do Espírito, de que seria reconhecido, o encorajaram a enviar-nos o poema. Como observou Walter Franco, tudo nesse poema atesta a presença de seu pai: a caligrafia, a assinatura, a pureza das quadras, a escolha das palavras e o cuidado em evitar o lugar comum, a temática do amor universal e da fraternidade humana.

Acrescentaremos a tudo isso uma das características de toda a poética de Cid Franco: o predomínio da razão e do intencional sobre a emoção. E chamamos a atenção do leitor para a finura dessa concepção poética, onde Cid se coloca no lugar do Bom Samaritano para mostrar-nos que o *outro* – o judeu assaltado na estrada – pode ser a pessoa mais querida e íntima ou a mais detestada e distante, pois será sempre alguém que nos submete à prova da nossa evolução moral.

Entre os vários livros de poemas que Cid Franco publicou; existe um que Chico Xavier desconhece: *Trovas para o Meu Senhor*, lançado pela Livraria Martins, em São Paulo, no ano de 1967, quatro anos antes do seu passamento para a vida espiritual. Mas há outras quadras em livros publicados anteriormente, como

se pode verificar em *Poemas*, editado pela Brasiliense, em 1947. Como se vê, é este um dos mais recentes e dos mais belos episódios mediúnicos da vasta obra de psicografia literária de Chico Xavier.

7

Indagações**(Chico Xavier)**

Quantas indagações estavam no ânimo dos companheiros, antes das nossas tarefas, naquela noite, eu não saberia dizer.

Por que a enfermidade, às vezes sem explicação? Como enfrentar desilusões junto de amigos que pareciam inalteráveis? De que maneira interpretar as dificuldades orgânicas, por vezes até mesmo certas mutilações em criaturas inteligentes?

Como superar os problemas que se enfileiram na existência de cada criatura na Terra, como se cada um estivesse a esperar pela solução do anterior a fim de aparecer?

Nesse clima, a execução do programa de trabalho começou para o nosso grupo. Aberto *O Evangelho Segundo o Espiritismo* surgiram os itens 3 e 4 do capítulo XXV para as nossas reflexões. E foi o nosso amigo André Luiz quem escreveu a página da noite, intitulada “Não Tema”, em que sinto um apontamento de consolo e de alerta, para o nosso ânimo geral, nas lutas construtivas do dia-a-dia.⁷

7

Não tema**(André Luiz)**

“Não tema, creia somente” – diz o Senhor.

Creia na harmonia, na justiça, na verdade, no bem.

Somos livres, sob a proteção de leis vigilantes.

Deus não se ausenta.

Por isso, quanto nos aconteça é sempre o melhor do que nos mostremos capazes de receber.

Em muitas ocasiões a enfermidade inesperada no corpo é apoio antecipado às necessidades da alma; a afeição que nos deixa é amputação no mundo afetivo para que possamos sobreviver naquilo que estejamos fazendo de mais útil; o desejo contrariado é providência contra perigo invisível; a inibição orgânica é recurso para a condensação de nossas energias em auxílio à realização de tarefa determinada; o prejuízo é comunicado prévio para que não se caia em débitos insolúveis; a penúria material é desafio a que nos levantemos para o trabalho.

Não desfaleça na prova que a vida lhe trouxe.

A Terra é um educandário em cujas lições somos todos alunos e examinadores uns dos outros.

Hoje é possível esteja sofrendo o cerco de numerosos problemas; entretanto, se você atende às instruções do amor, que nos traçam caminho certo entre as margens da humildade e do serviço, encontrará você o rumo exato de todas as soluções.

Para isso, porém, é necessário que você não permaneça no canto da inércia, colecionando pedras e espinhos que lhe pesem no coração ou lhe firam a alma.

Esqueça tudo o que foi tristeza ou desequilíbrio e entre no sistema da ação edificante que nos reforma o destino.

Todos os que lutaram e venceram, todos os que tombaram na sombra e se reergueram para a luz, sofrendo, lutando, construindo e renovando, nunca deixaram de trabalhar.

7

Respostas**(J. Herculano Pires)**

As respostas às indagações formuladas pelos visitantes de Chico Xavier foram dadas por André Luiz que, por sinal, revestiu de novas palavras e nova forma de expressão os ensinamentos espíritas sobre a finalidade da vida humana na Terra. Os Espíritos do Senhor são bons professores e não se cansam de repetir as lições para os alunos desatentos, revestindo-as das mais diferentes roupagens a fim de atingirem a compreensão de todos. O Educandário da Terra é orientado pela Pedagogia do Céu, cujo método fundamental é o amor.

Fredrich Myers, o famoso psicólogo inglês, em seus estudos sobre a personalidade humana, verificou que a nossa consciência se divide em duas partes essenciais: a supraliminar e a subliminar. Encontrou isso nos seus estudos espíritas, confirmados por suas pesquisas hipnóticas. A consciência supraliminar é a que utilizamos no mundo, adaptada às exigências da vida material. A consciência subliminar é a que se destina ao mundo espiritual, onde teremos de viver depois da morte.

Podemos figurar a consciência como uma esfera cortada ao meio, uma laranja partida em duas metades. Esse corte é o limiar. A metade que fica acima dele é a que Myers chamou de supraliminar; a que fica abaixo é a subliminar. A parte de cima está cheia de indagações sobre a vida e a morte. A parte de baixo encerra todas as respostas. Porque a vida no mundo é um aprendizado e para aprender temos de enfrentar muitos problemas e procurar resolvê-los. Na consciência subliminar – a parte de baixo, – armazenamos o aprendizado feito em várias encarnações. Mas esse aprendizado não está completo e é por isso que voltamos ao Educandário Terreno. Quando uma prova difícil desafia a consciência supraliminar, a consciência de baixo, a subliminar, a socorre com os recursos provenientes das experiências anteriores.

Mas a consciência subliminar – a de baixo, – é a que está em ligação com o mundo espiritual, adaptada a ele e não ao mundo terreno. Por isso, a Parapsicologia hoje nos mostra que a percepção extra-sensorial provém do inconsciente. E é por intermédio dessa consciência interna e profunda que os Espíritos nos socorrem com suas intuições. Meditando sobre isso, compreenderemos melhor a lição de André Luiz: “A Terra é um educandário em cujas lições somos todos alunos e examinadores uns dos outros”.

8

A filha excepcional**(Chico Xavier)**

Há algum tempo, numa de nossas reuniões, apareceu um amigo trazendo nos braços a filha excepcional. Declarou estar a caminho de São Paulo para tentar-lhe o tratamento. Veio com ela à nossa instituição a fim de orar, em nossa companhia, solicitando para a pequenina o auxílio dos benfeitores espirituais.

Comoveu-nos a todos o carinho e o cuidado do genitor com a filha que lhe choramingava nos braços, agitada e inconsciente. Esse amigo informou proceder de uma cidade pernambucana e guardar a esperança de alcançar melhoras para a filha junto de médicos amigos da Capital bandeirante.

Diante do quadro enternecedor, penso que todo o pessoal refletia sobre os princípios da reencarnação, sem comentários. Iniciadas as tarefas da noite, *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu para estudo a questão 371.

Depois das explanações de nossos amigos presentes, a respeito, o nosso caro Emmanuel escreveu alguns comentários sobre a reencarnação. Depois dele veio até nós o poeta Silva Ramos,⁸ que escreveu por nosso intermédio o soneto “Vinculação Redentora”.

8

Vinculação redentora**(Silva Ramos)**

O fidalgo, ao partir, diz à jovem senhora:
“Eu sou teu, tu és minha!... Espera-me, querida!...”
Longe, ergue outro lar... Vence, altera-se, olvida...
Ela afoga em suicídio a mágoa que a devora.

Falece o castelão... Vê a noiva esquecida...
Desencarnada e aflita, é uma sombra que chora...
Ele pede outro berço e quer trazê-la agora
Em braços paternais ao campo de outra vida!...

O século avançou... Ei-los de novo em cena...
Ele o progenitor; ela, a filha pequena
A crescer retardada, abatida, insegura...

Hoje, ele, em tudo, é sempre o doce pajem dela
E a noiva de outro tempo é a filha triste e bela
Agarrando-se ao pai nos traumas da loucura.

8

A solução do enigma**(J. Herculano Pires)**

O estilo e o tema identificam o autor espiritual. Alcântara Machado notou: “a ausência quase completa em sua obra de paisagem e do homem brasileiro”. O seu arraigado lusitanismo transparece em outros poemas transmitidos pela psicografia de Chico Xavier, como se pode ver em *Antologia dos Imortais*.⁹

Não foi por acaso que Silva Ramos escreveu esse alexandrino através da mediunidade, nem por simples inspiração provocada pelo caso relatado pelo médium. É evidente a intenção de explicar o episódio atual recorrendo às causas remotas que ficaram no além-mar.

Quantos fidalgos europeus, e particularmente portugueses, estão hoje encarnados no Brasil em situação difícil, procurando reparar os abusos e as irresponsabilidades em que incorreram no passado! A figura desse pai pernambucano (da mesma terra do poeta) carregando nos braços a filhinha excepcional e desvelando-se por ela, adquire mais denso colorido emocional ante a revelação do passado. A vida nos revela o seu mistério nessas ligações profundas que os Espíritos desvendam de maneira discreta e emotiva.

O soneto, por sua estrutura silogística, é a forma poética mais apropriada a nos revelar uma história como essa que passa de um século a outro. Note-se ainda a flexibilidade da síntese poética que permite ao autor exprimir em apenas um verso, como num corte cinematográfico, a transição temporal do caso e a metamorfose dos personagens: “O século avançou... Ei-los de novo em cena”.

A emoção poética se acelera nos dois tercetos finais do alexandrino perfeito de Silva Ramos, dando-nos em breves instantes a visão total da lógica e da mecânica da reencarnação. O compromisso rompido levou a antiga dama à loucura do suicídio, mas agora o responsável de ontem a carrega nos braços, pagando-lhe a dívida de amor e ternura e procurando restabelecer-lhe o

equilíbrio perdido. A justiça e a misericórdia de Deus ressaltam dessa situação em que algoz e vítima se reencontram para a mútua redenção.

A opacidade do mundo e a frustração da vida, que justificam o ceticismo existencial deste século, carregado de angústia e desespero, resolvem-se em transparência lógica e renovação da fé. O interexistencialismo espírita soluciona em dois tercetos a amarga equação do existencialismo ateu.

9

O que fazer?**(Chico Xavier)**

Creemos que, em vista das muitas dificuldades da nossa época, muitos companheiros, antes da nossa reunião, se referiam à necessidade de uma solução para os nossos problemas mais urgentes.

O que fazer ante as lutas materiais e morais que nos são impostas pelos dias de hoje em que ocorrem tantas renovações? Que recursos para levantar as energias de tantos amigos que se mostram desencorajados perante as questões aflitivas do mundo em transformação?

De que maneira erguer as energias dos irmãos que se sentem incompreendidos ou desalentados? Em que fórmula de atitude encontrar e conservar a tranquilidade?

Iniciada a reunião, o item 2 do capítulo XXV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* nos ofereceu estudos interessantes sobre o assunto que se debatia. No término de nossas tarefas, o nosso amigo André Luiz compareceu com a página “No Rumo da Paz”.

9

No rumo da paz**(André Luiz)**

Se você retirar a sombra da tristeza que lhe cobre o olhar, observará que o Sol e o Tempo renasceram hoje a fim de que você possa refazer-se e recomeçar.

Não se sabe de ninguém que houvesse conseguido a restauração ou o êxito em clima de desabafo.

Sorrir atraindo dedicações e possibilidades ou mostrar a face agoniada da irritação, suscitando adversários ou problemas, dependerá sempre de você mesmo.

* * *

Ódio e medo, inveja ou ciúme, desespero ou ressentimento desajustam a mente, e a mente desequilibrada envenena o corpo.

* * *

Procure ver o melhor dos outros e dê aos outros o melhor de você, porque o pessimismo jamais edifica.

* * *

Você receberá auxílio e assistência na medida exata das suas prestações de serviço ao próximo, recebendo, ainda, por acréscimo, valiosas bonificações da Providência Divina.

* * *

Recordemos que situar-nos nas dificuldades dos outros, de modo a senti-las como se fossem nossas, para auxiliar aos outros, sem exigência ou compensação, é a maneira mais justa de garantir a paz.

Lembremo-nos sempre de que a criatura humana, seja qual for a condição em que se encontre, conquanto as imperfeições ou fraquezas que ainda carregue, é um anjo em formação, caindo às vezes para levantar-se e aprender as lições do bem com mais segurança. E, segundo as leis da evolução, toda criatura, a fim de burilar-se, é chamada a esforço máximo, no qual a dificuldade e

o sofrimento estão incluídos por ingredientes de progresso e sublimação.

Por isto mesmo, em quaisquer ocasiões, seja de alegria ou inquietação, fracasso ou refazimento, se aspiramos a seguir para as vanguardas de elevação e felicidade, amor e luz, só nos resta uma solução: trabalhar.

9

Anjo em formação**(J. Herculano Pires)**

Nossa mente fragmentária dificilmente compreende o ensino espírita segundo o qual “tudo se encadeia no Universo”. O *eu* nos separa dos outros, das coisas e dos seres. Sentimo-nos, apesar de todas as raízes que nos prendem à terra e de todos os liames que nos amarram aos outros, como seres independentes. Isolamo-nos na trincheira ilusória do nosso *eu* para enfrentar o mundo e os homens. Não raro nos dispomos a enfrentar Deus e os anjos, duvidando de tudo, como se a medida precária, a fita métrica da nossa razão constituísse o fio de prumo da realidade universal.

Preferimos a afirmação de Protágoras de que o homem é a medida de todas as coisas (e o homem nesse caso somos nós e não os outros) à lição platônica de que é Deus a medida única do todo. Essa atitude de isolamento arrogante, que gera o orgulho e a vaidade, fecha-nos no pequenino universo do nosso *eu* particular. Daí a conhecida afirmação de Sartre, característica do nosso tempo: “os outros são o inferno”. E como vivemos com os outros, deles dependendo, a eles amarrados pela estrutura social e pela dinâmica espiritual, sentimo-nos no inferno.

A mensagem de André Luiz, renovando a lição essencial do Cristo, vem lembrar-nos que não somos apenas homens, mas anjos em formação. Como homens sofremos porque nos situamos na zona intermediária da evolução, entre os animais e os anjos. Nossas angústias, nosso tédio, nosso desespero decorrem do conflito corpo-espírito. Mas nossas esperanças se alimentam das claridades celestes que se acendem progressivamente em nossa alma. Nosso corpo nos isola no mundo, mas nosso Espírito nos liga a todas as coisas e a todos os seres. Esse corpo se fecha nas sensações materiais, reduzidas à percepção sensorial. Mas nosso Espírito se abre nas emoções espirituais que nos dão a percepção extra-sensorial.

A solução dos nossos problemas está assim em nós mesmos. A fase de transição que hoje vivemos na Terra exige de nós a compreensão global da vida. E o caminho para essa compreensão é o serviço ao próximo – que nos liga aos outros –, o desenvolvimento das nossas experiências através do trabalho, a busca de uma visão nova da vida como processo evolutivo – em que os fins imediatos são apenas meios para atingirmos a finalidade real da existência.

10

A parálitica

(Chico Xavier)

Horas antes de nossa reunião pública, com quatro irmãos que se achavam em nossa companhia, fomos a cidade vizinha visitar uma criança doente. Não longe da casa em que reside a pequenina enferma encontramos uma senhora parálitica, em recanto quase isolado de extensa zona rural, que nos solicitou orarmos com ela por alguns momentos.

Muito simpática e sofredora, vivendo da caridade pública e sem qualquer parente, a situação dela realmente nos comoveu muito.

Voltamos para a nossa reunião. E, depois de nossa habitual visita a alguns lares de irmãos nossos, passamos ao desenvolvimento das tarefas da noite.

O Evangelho Segundo o Espiritismo nos ofereceu a exame a formosa página intitulada “Uma realeza terrestre”, no capítulo II, assinada por entidade espiritual que se reportava às lutas que encontrara na posição altamente destacada que usufruiu na Terra.

A comunicação foi carinhosamente estudada por uma de nossas irmãs presentes. E, no encerramento da reunião, o poeta Epifânio Leite¹⁰ nos trouxe o soneto com dedicatória expressiva. Ele mesmo, o poeta desencarnado, informou-nos por audição, referir-se à parálitica em penúria material que havíamos visitado horas antes.

10

Refazimento**(Epifânio Leite)**

Versos dedicados à venerável irmã que conhecemos na realeza terrestre, há quatro séculos. Culta, não espalhou os benefícios da inteligência; amiga incondicional dos amigos e inimiga implacável dos adversários; generosa para com os áulicos abastados e indiferente às vítimas da penúria. Embora destacasse as vantagens da paz, incentivou, quanto pôde, as guerras de conquista e ambição. Agradecida aos vassallos obedientes, perseguia até à morte quantos não lhe observassem as diretrizes. Amada e odiada, alcançou o Mais Além e, à frente da verdade, preocupou-se com a redenção própria. Regressou à Terra, várias vezes, apagando-se devagar, quanto ao brilho terreno que ostentava, até que rogou a prova final, em que a identificamos presentemente, habilitando-se no corpo enfermo e disforme, em acentuada penúria, para a ascensão próxima à Espiritualidade Superior. A essa irmã admirável e valorosa, capaz de omitir-se e sofrer até a integral reparação da própria grandeza em si mesma, oferecemos aqui a nossa pálida homenagem, desejando-lhe plena vitória em Jesus e com Jesus.

Vejo-te, soberana, aos painéis da memória!
O trono te emoldura a face de outras eras...
Oprimes sem temor, espancas onde imperas,
Fulges no fausto vão de vaidade ilusória!...

A paixão te esfogueia a fome de vanglória,
Exilas e destróis, humildas e encarceras...
Vem a morte, no entanto, entre forças austeras,
E largas sob a cinza a pompa transitória!

Foi-se o tempo... Hoje achei-te em catre duro e estreito,
Paralítica e só, parafusada ao leito!...
Chorei ao ver-te a choça e o triste quarto em ruínas!

Mas louvo o fel de agora ante o sol do futuro...
Pela dor subirás ao reino do amor puro
Em teu carro estelar de açucenas divinas!

10

Dor: lei de equilíbrio**(J. Herculano Pires)**

É fácil dizer que esse episódio decorre de sugestão. Chico Xavier acredita na reencarnação, impressionou-se com a parálitica e inconscientemente procurou explicar o caso. Na sessão espírita caiu em transe e do seu inconsciente aflorou através da escrita automática o soneto e sua dedicatória. Se perguntarmos como explicar a abertura do Evangelho na página aplicável ao caso, é fácil apelar para a influência do meio, mas toda essa explicação não passaria de um arranjo hipotético, sem qualquer prova objetiva. Simples fabulação pseudocientífica.

Na Doutrina Espírita não há fabulações dessa espécie. Há fatos e comprovações: a mediunidade estudada e experimentada desde Kardec até hoje, comprovando a sua realidade através de resultados positivos, além das comprovações vindas da própria área científica, materialista, através das pesquisas metapsíquicas e parapsicológicas; a reencarnação submetida ao mesmo processo; a psicografia analisada em seus dois aspectos, o anímico (escrita automática) e o espírico (escrita psíquica de autores espirituais identificados rigorosamente). Além disso, a convergência diária e universal das provas em todo o mundo.

Onde entra o poeta Epifânio Leite na fabulação inconsciente? Como e por que surgiu na memória subliminar de Chico Xavier? E como essa imagem fantasiosa conseguiu imitar o estilo do poeta? Sabemos que Epifânio Leite é quase totalmente desconhecido e que o médium não é nenhum especialista em poesia e história literária. Confrontando esse episódio com muitos outros da bibliografia espírita e das ciências psíquicas, não temos razão para duvidar da sua veracidade. A hipótese espírita se confirma no testemunho universal dos fatos. Legitima-se cientificamente através de estudos e pesquisas – espíritas e não espíritas – no correr de mais de um século.

Léon Denis definiu a dor como “uma lei de equilíbrio e educação”. Vemos nesse episódio a ação dessa lei através de quatro

séculos. E não vemos Deus castigando a ex-soberana, mas ela mesma se submetendo à lei de equilíbrio para alcançar por meio da dor a compreensão e o sentimento de humanidade que lhe faltaram no passado.

11

Guerras e aflições

(Chico Xavier)

A nossa reunião pública, integrada por vários grupos de companheiros, teve por tema central a questão 745 de *O Livro dos Espíritos*. Os comentaristas presentes falaram sobre os quadros aflitivos das guerras do passado e daquelas que ainda hoje acontecem no mundo. Figuras destacadas dos conflitos humanos foram lembradas. E o assunto como que envolveu todos os amigos presentes, suscitando opiniões diversas.

Ao término da reunião, foi o nosso caro Emmanuel quem escreveu os apontamentos finais da noite na página “Paz e Amor”.

11

Paz e amor

(Emmanuel)

Lembra os que passaram no mundo, antes de ti, agindo e auxiliando para que a vida se fizesse melhor.

Por outro lado, reflitamos que não restam senão cinzas daqueles outros que instalaram ódio e vingança em si mesmos, perseguindo os próprios irmãos... Esses transitaram nos caminhos terrestres disseminando viuvez e orfandade. Vestiram-se muitas vezes de ouro e púrpura, assinalando, porém, a retaguarda com as marcas infelizes do luto e da opressão. Foram considerados vencedores e, no entanto, desapareceram largando penúria e morte nos próprios passos.

Aqueles, porém, que te legaram o recanto acolhedor em que estagias no mundo, caminharam sofrendo e abençoando, desculpendo e servindo. Considera tudo aquilo que possuis de bom e belo na própria alma e reconhecerás que as ideias mais elevadas te surgem da mente à maneira de fontes inspiradoras, jorrando diretrizes, através das memórias que te deixaram, semelhantes a mosaicos de luz...

Aqui, é a dedicação dos pais orientando-te os dias primeiros; ali, é a tolerância dos benfeitores que te apoiaram na escola; adiante, é o coração amigo que te deu a bênção do afeto por mensagem de segurança; mais adiante, é o amor de alguém que partiu para a Vida Maior hipotecando-te confiança e carinho; e, às vezes, mais além, é uma criança que te entregou o berço vazio, depois de pousar contigo por algum tempo, a doar-te, em beijos de ternura, os anseios da Vida Imperecível.

Não te aflijas pela obtenção de tarefas enormes.

Agradece a todos os que te proporcionaram os testemunhos de paz e amor com que sonhas entretecer o futuro melhor e não esmoreças no trabalho de elevar e construir.

O Senhor não nos roga o impossível, mas espera sejamos, ainda hoje, a frase que reconforta, o silêncio que compreende, o

abraço fraterno que levanta a coragem dos tristes ou o apoio dos que vagueiam ao desamparo.

Efetivamente, são ainda muito grandes as labaredas de inquietação que varrem a Terra. Observa, no entanto, que ninguém te reclama prodígios capazes de redimir o mundo de um instante para outro. E nem Deus nos pede espetáculos de grandeza. Onde estiveres, estende o tijolo do amor que possas oferecer ao edifício da paz e, a fim de extinguir o incêndio das aflições humanas, dá teu copo de água fria.

11

O tijolo do amor**(J. Herculano Pires)**

Tijolo a tijolo o homem constrói a sua casa, destinada a ser o seu refúgio no mundo. Ali dentro procurará desenvolver as intuições que traz da vida espiritual, na criação paciente do lar, no convívio amoroso da esposa e dos filhos. A casa é o seu ninho de amor. É o meio adequado à germinação das sementes divinas semeadas por Deus no seu coração. O ego solitário e duro como pedra, que caracteriza a individualização, será rompido como as lajes da calçada pelo poder sereno e suave da relva.

Primeiro a mulher que o atrai pelo magnetismo da espécie e, depois os filhos, que o prendem pelos laços da afinidade, forçam naturalmente a expansão do seu egoísmo que é o amor em semente, fechado em si mesmo. Como a semente, o seu ego se rompe e pelas brechas da casca o amor começa a germinar. É o processo de socialização que se desenvolve. Do lar o amor se expandirá para os demais familiares, para o meio social, para a Humanidade.

Mas antes de atingir o grau superior do amor ao próximo, ensinado por Jesus, a planta em desenvolvimento se enroscará no muro ou na cerca e se enrolará como trepadeira espinhosa, defendendo o seu reduto. É a fase do sociocentrismo, do apego ao meio familiar e social, quando os outros não aparecem como nossos semelhantes, mas como estranhos. A reencarnação se incumbirá de romper mais essa barreira. E de casa em casa, de família em família o homem se abrirá finalmente para a amplitude universal do amor.

As guerras e as aflições da guerra provêm dos resíduos do egoísmo. Para superá-las no plano social temos primeiro de superar o orgulho, a vaidade, a arrogância, a auto-suficiência, esses restos da casca da semente que ainda persistem em separar-nos dos outros. Temos de nos desapegar da nossa vida para encontrarmos a verdadeira vida, como lemos no Evangelho. A nossa vida é um fragmento da vida abundante, do oceano de vida que

anima o Universo. Sem compreendermos isso nunca teremos paz.

A expressão de Emmanuel: “o tijolo do amor” nos mostra que só o amor constrói, mas não constrói para prender-nos de novo entre muros e cercas de espinhos e sim para libertar-nos. O “copo de água fria”, por sua vez, é a água da paz que damos aos outros e que no simples gesto da doação apaga “o incêndio das aflições humanas”. Essa receita exige a nossa reflexão.

12

Vencendo o tóxico

(Chico Xavier)

Envio-lhe a mensagem recebida numa ligeira reunião de preces, formada com quatro amigos procedentes de cidade distante. Três deles acompanhavam um rapaz que enveredara nos tóxicos. Com ele completávamos um grupo de cinco pessoas. O jovem de vinte e dois anos de idade pediu para orarmos juntos, buscando a força de que se sentia necessitado para esquecer os euforizantes.

Depois da prece o amigo espiritual que lhe fora pai na Terra compareceu em nosso ambiente e escreveu ao filho a carta que vai anexa. O rapaz reconheceu a presença paterna, chorou como-vindo e levou consigo a mensagem no original. Alguns meses depois voltou ele com dois dos amigos que o trouxeram ao nosso convívio pessoal. Mostrou-se plenamente refeito, corajoso para a vida. E, ao declarar-se reconduzido aos estudos que havia abandonado, entregou-me uma cópia da carta paterna por nós psicografada.

Os amigos que o seguiam sugeriram-me enviar essa página às suas mãos para a divulgação com nossos estudos conjuntos.

O rapaz também aceitou a ideia, solicitando apenas que o nome do genitor seja colocado em iniciais, por motivo de respeito filial.

12

Carta de pai

(J. R.)

Meu filho.

Compreendemos, sim.

Atiramos-te cedo à luta sem considerar-te a mentalidade em reformulação.

Quantas vezes tua mãe e eu te entregamos a mãos mercenárias e quase sempre irresponsáveis, quando despontavas do berço, à vista dos imperativos de relacionamento social! Noutras ocasiões, assim procedíamos de modo a desfrutarmos sozinhos as horas feriadadas que nos surgissem, a título de refazimento ou distração. E, em regressando à casa, nunca te perguntamos pelo que viste ou ouviste, a fim de estabelecermos contigo um diálogo adequado para que se te pacificasse o espírito inquieto à frente da vida.

Enviamos-te à escola, no entanto, para falar a verdade, não expressávamos interesse permanente por teu currículo de lições. E quando nos apresentavas certos assuntos colhidos involuntariamente à margem do ensino, frequentemente dávamos de ombros, julgando-te a conversação demasiado infantil, afastando-nos sob pretexto de serviço urgente.

Largamos-te às impressões alheias, nem sempre as mais construtivas, de maneira a nos encasularmos no ócio doméstico.

Quiseste associar-nos às tuas companhias e leituras, caminhadas e afetos, mas, via de regra, recusamos-te o convite, com a desculpa de fazer dinheiro ou mobilizar providências para sustentar-te, qual se fosses um peso em nossa economia ao invés de abençoada luz do nosso amor.

Distanciamos-nos de ti e deixamos-te a sós, impensadamente é verdade.

Achávamo-nos como que anestesiados pela obsessão de ganho para excessivo reconforto, incapazes de oferecer-te cobertura nos domínios do coração. A morte, entretanto apareceu quan-

do nem havíamos começado a pensar convenientemente na vida, a transferir-nos de plano, e hoje vemos-te em perigo, espiritualmente desprotegido, cansado, desiludido, enredado em desequilíbrio e doença. Somente agora reconhecemos o quanto te amamos, unicamente agora notamos que não teremos futuro sem ti. E porque nada conseguimos realizar de bom sem amor, ante a necessidade de nossa reintegração nos interesses e aspirações uns dos outros, abeiramo-nos com humildade do caminho em que segues hoje, tão longe de nós, para dizer-te simplesmente:

– Considera o nosso engano e perdoa-nos, meu filho!...

12

Mundos paralelos**(J. Herculano Pires)**

As criaturas que se aturdem com a situação atual do mundo geralmente não sabem que ela repercute de maneira profunda no mundo espiritual, nesse universo paralelo que nos cerca e com o qual estamos em permanente comunicação. Em nossas reuniões mediúnicas, temos recebido a visita de “hippies” do Além, alguns ainda presos à sua desorientação terrena, outros já refeitos e que se portam como “hippies” no bom sentido, convertendo ao bem os seus hábitos e as suas expressões. A juventude transviada é o produto da desorientação dos pais, da maldade dos adultos, do egoísmo que corrói o coração das velhas gerações. Por isso, a revolta dessa juventude é um desafio à nossa falta de compreensão e à nossa falta de amor.

No episódio que hoje divulgamos temos a retratação de um pai que volta ao meio terreno, através da mediunidade de Chico Xavier, para pedir perdão ao filho que não soube compreender em vida. O resultado, como vimos, foi satisfatório, pois o coração do filho, sedento de amor, encontrou na mensagem paterna o bálsamo que lhe faltava. Graças a isso conseguiu vencer o seu desespero e reintegrar-se na vida e nos estudos que havia abandonado. Se os pais de hoje pudessem compreender o sentido e o objetivo da vida terrena que a mensagem espírita esclarece, esta fase de transição do nosso mundo seria menos trágica.

A civilização do conforto, do gozo, da ganância sem limites, apagou o espírito e lançou a criatura humana nas trevas. “Achávamo-nos como que anestesiados pela obsessão de ganho para excessivo conforto – escreve o pai nas garras do remorso – incapazes de oferecer-te cobertura nos domínios do coração”. É essa a situação da maioria das criaturas nesta fase final de uma civilização que se devora a si mesma. Mas Deus não se esqueceu dos homens e os leva, pelo despertar mediúnico, à civilização do espírito, reacendendo na carne as luzes espirituais que espantarão as trevas.

Somos “bichos”, segundo a expressão “hippie”, preferindo a vida animal à espiritual. Buscamos “paz e amor”, mas a paz do conforto ilusório e o amor carnal. Mas os Espíritos ressuscitam a mensagem do Evangelho e provam, como o Cristo provou no seu tempo, com os dramas da obsessão e da possessão, que o nosso destino é espiritual e não material, que o nosso rumo é a transcendência e não a acomodação às condições animais do corpo.

13

Sobre o casamento

(Chico Xavier)

Depois de amistosos diálogos entre nós e vários companheiros, a reunião da noite foi iniciada. Havíamos conversado animadamente sobre os temas da atualidade. E o ponto que nos saiu para estudo foram os itens 2 e 3 do capítulo XXII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, em torno do casamento.

Companheiros interessados debateram o assunto dando várias nuances ao matrimônio e aos deveres que lhe são consequentes. Diversos aspectos do tema foram analisados por irmãos e irmãs procedentes de cidades várias, sob os ângulos masculino e feminino.

Ao término de nossas tarefas o nosso caro Emmanuel escreveu a mensagem que intitulou “União a Dois”, desdobrando as opiniões expostas.

13

União a dois**(Emmanuel)**

Lutas do casamento!... Provas do casamento!...

Quem disse, porém, que a concretização do matrimônio é felicidade estruturada a toques de figurino não atingiu a realidade.

A união a dois, no culto da afinidade ou na execução de tarefas mais amplas da família, é um encargo honroso, qual sucede a tantas obrigações dignas. Nem por isso deixa de ser trabalho por efetuar. E trabalho tão importante que, não sendo possível a um coração apenas, foi preciso reunir dois para realizá-lo.

Quando um companheiro delibera empreender certa pesquisa, ou se outro abraça determinada profissão, não nos aventuramos a iludi-los com visões de felicidade imaginária. Ao invés disso, reconhecemos que escolheram laborioso caminho de serviço em que lhes auguramos o êxito desejado.

De igual modo, o casamento não é construção sem bases, espécie de *palácio feito sob medida* para os moradores.

Entre os cônjuges é imperioso que um aprenda a compreender o outro, de maneira a desenvolver as qualidades nobres que o outro possua, transformando-lhe conseqüentemente as possíveis tendências menos felizes em aspirações à Vida Melhor.

* * *

Claramente, todos temos vinculações profundas, idiossincrasias, frustrações e dificuldades. A reencarnação nos informa com segurança quanto a isso, indicando para que lado gravitamos em família, segundo os mecanismos da vida que a experiência terrestre nos induz a reajustar.

Em razão disso, todo par e toda organização doméstica revelam regiões nevrálgicas entretécidas de problemas que é preciso saber contornar ou penetrar, a fim de que o futuro nos traga as soluções da harmonia irreversível.

Se te encontras ao lado de alguém, sob regime de compromisso afetivo, não exijas de imediato a esse alguém a apresentação dos recursos de que ainda necessite para ser aos teus olhos a companhia perfeita que esperavas encontrar entre as paredes domésticas. Nem queiras que esse alguém raciocine com os teus pensamentos, porquanto a ninguém é lícito reclamar de outrem aquilo que ainda não consegue fazer.

Se não desejas receber nos próprios ombros a cabeça de quem abraçou contigo as responsabilidades da união a dois, é mais que natural não possas impor a própria cabeça aos ombros da criatura a quem prometeste carinho e dedicação.

Todos somos filhos de Deus.

O matrimônio é obrigação que os interessados assumem livremente e de que prestarão justa conta um ao outro. Conquanto isso, o casamento não funde as pessoas que o integram. Por isto mesmo a união a dois, além da complementação realizada, recorda a lavoura e a construção: cada cônjuge colhe o que plantou, tanto quanto dispõe do que fez.

13

As leis do casamento

(J. Herculano Pires)

São duas as leis básicas do casamento, segundo a apreciação de Kardec, nos textos citados: a lei material e divina de união sexual para reprodução da espécie e a lei moral e divina do amor para a evolução espiritual dos seres. Ambas são divinas, pois todas as leis da Natureza provém de Deus. Mas os homens, no abuso do seu livre arbítrio, deturpam a lei biológica de reprodução e fraudam ou confundem a lei de amor com os interesses inferiores da animalidade.

São essas atitudes negativas que criam as dificuldades, os dramas e as tragédias do matrimônio. Das duas leis básicas mencionadas por Kardec na ordem em que as obedecemos – primeiro a material e depois a moral – a que deve prevalecer é a segunda, pois a nossa essência é espiritual, a nossa natureza é moral e não material. Como damos prevalência à primeira, a lei de ação e reação, que determina os nossos destinos, aplica-nos os mecanismos da reparação que nos levam aos casamentos sacrificiais. Saber suportá-los é o meio de reparar os abusos do passado e predispor-nos às compensações futuras. Toda fuga à reparação devida constitui protelação de sacrifícios, pois as leis naturais se cumprem ao longo do tempo.

As responsabilidades do casamento não se referem apenas aos esposos, mas também aos filhos e familiares de lado a lado. Por isso o divórcio é permitido, como ensinou Jesus, em virtude da dureza dos nossos corações, mas aqueles que puderem evitá-lo vencerão mais depressa na senda da evolução espiritual. A união a dois é sempre um encargo honroso, como acentua Emmanuel, e feliz daquele que sabe mostrar-se digno desse encargo.

14

Água na fonte

(J. Herculano Pires)

Fomos buscar água na fonte. Ao invés de esperar a mensagem pelo correio, fomos pegá-la das mãos de Chico Xavier. Antonio Zaro, redator da revista “Planeta”, deu-nos a honra da sua companhia e testemunhou a recepção da mensagem. Conversamos longamente com o médium sobre suas relações com o mundo invisível. A naturalidade e a simplicidade de Chico pôs-nos à vontade. Falamos de tudo quanto foi possível, sem qualquer intenção de entrevista. Um bate-papo entre amigos, nada mais do que isso.

Quando quisemos nos retirar a chuva aumentou. Abençoada chuva que nos proporcionou colher a água da fonte nas mãos em concha. Zaro foi subitamente impregnado de perfume de rosas. Não sentíamos nada no ambiente. O próprio Chico não percebia o perfume. Mas Zaro estava impregnado. Nas mãos, nos braços, no corpo. Era uma saudação de Scheilla ao jovem jornalista. O bondoso Espírito da enfermeira alemã o recebia assim, em nome dos anfitriões espirituais, dando-lhe uma prova gentil da presença invisível. Logo depois propusemos a Chico a realização de uma prece, na esperança de que a água do Além brotasse da fonte mediúnica. Havíamos falado de Deus, entre outros assuntos.

Iniciada a prece, Chico Xavier começou a psicografar com a rapidez habitual. Recebeu primeiro uma carta de Pablo a nós endereçada. Uma carta íntima, de amigo para amigo, em que o Tio Pablo se referia a Cerqueira César e Avaré, as cidades da Sorocabana em que vivemos as primeiras experiências espíritas. A seguir, sem solução de continuidade, Chico recebeu, com a mesma rapidez, um alexandrino de autoria de Tobias Barreto, o famoso poeta e filósofo sergipano. O seu monismo, agora espiritual, ressalta do soneto psicografado por Chico Xavier.

14

A quem?**(Tobias Barreto)**

Céus cuja imensidão ninguém doma ou traduz,
Impérios imortais de flamas estelares,
Sirius, Vega, Altair, Canopus, Lira, Antares,
Astros vivos do azul – para quem vossa luz?

Terra, a quem procurais no giro que produz
A estranha orquestração surgida em vossos mares?
Aves, a quem falais por notas milenares?
Flores, a quem vos dais? Quem vos guarda e conduz?

Revelações de sonho estéril ou fecundo,
Melodias de amor que sustentais o mundo,
A quem vos dirigis em vossos apogeus?

Do píncaro mais alto às entranhas do solo
Toda a vida terrestre indaga, polo a polo,
E uma palavra só tudo responde – Deus!

14

As asas do condor**(J. Herculano Pires)**

Tobias Barreto foi o iniciador do movimento condoreiro na poesia nacional. Castro Alves tornou-se o representante máximo desse movimento. Mais voltado para a cultura geral, o Direito e a Filosofia, nem por isso o poeta sergipano deixou de bater as suas asas acima dos Andes. São essas asas que ele agora abre, como espírito, acima da Terra, num voo condoreiro pelo Infinito. Chico Xavier nos disse que o tema Deus é uma constante da poesia mediúnica de Tobias Barreto. Sem o perceber, o médium nos oferecia um dado valioso. O monista materialista do século passado, impregnado do monismo de Haeckel, continua a sustentar a sua concepção global do Universo, mas agora tendo por fundamento a ideia de Deus.

O soneto “A Quem?” oferece-nos uma visão poética do monismo espírita, ao mesmo tempo em que ilustra com suas imagens em forma de desenhos ou pinturas verbais – umas das mais altas intuições de Kant que foi seu mestre em Filosofia e Direito – a de que o conceito de Deus é o mais elevado que o homem pode atingir. Nesse conceito, segundo Kant, temos a síntese do Universo. Por isso, o monoteísmo judaico propiciou o aparecimento e desenvolvimento no mundo do monoteísmo cristão que deu origem à Civilização Ocidental.

Abrindo as asas de sua inspiração no Infinito, o poeta condoreiro Tobias Barreto nos mostra, num alexandrino psicografado por Chico Xavier com extrema rapidez, que todas as manifestações da vida no Cosmos, desde o cântico das aves na Terra até o esplendor dos “astros vivos do azul”, se dirigem para um único alvo – que é Deus. O monismo filosófico de *O Livro dos Espíritos* encontra, nesse soneto de Tobias Barreto, uma das suas mais belas expressões poéticas.

Curioso notar que algumas palavras do soneto, como *Lyra* e *orquestração*, foram escritas assim no original psicografado, de acordo com a ortografia antiga. Não raro isso acontece com os

poetas antigos, o que mostra a persistência do automatismo da escrita no Espírito que se manifesta como lembrança quando eles escrevem sob influência terrena, servindo-se das mãos de um médium.

15

Cid Franco de volta

(Chico Xavier)

Conforme lhe comuniquei pessoalmente, recebemos a segunda mensagem de nosso amigo, o escritor Sr. Cid Franco.

O ponto de *O Livro dos Espíritos* sob o qual gravitam os pensamentos e os comentários da reunião foi a pergunta e a resposta da questão 733.¹¹ Julgamos a página do nosso inesquecível poeta e escritor muito original, segundo o nosso entendimento.

15

Que será de nós?**(Cid Franco)**

Que será de nós se não sobrevivermos em Cristo tanto quanto o
Cristo busca sobreviver em nós?

Não passaremos de símios acorrentados à teia dos cromossomos,
Nascendo,

Morrendo

E renascendo

A fim de aprender a edificar a vida pelo amor,

Mas acabando por ceder às tentações do ódio para destruí-la

Qual vem acontecendo

Na sucessão dos evos.

Que será de nós sem a sobrevivência em Cristo?

Quem livrará os povos superdesenvolvidos dos polvos da ambi-
ção e dos cogumelos do extermínio?

Time Square, Piccadilly, Champs Elysées,

Festivais de Cannes, Passarelas de Roma, Carnavais do Rio,

Quem vos garantirá, na retorta da existência, a transformação
gradativa convertendo-vos o brilho exterior em felicidade real?

Sociedades de Nações, Academias de Ciências, Institutos de
Pesquisas e Organizações Culturais,

Quem vos assegurará a subida em demanda do sol do sentimen-
to,

Para que os vossos raciocínios brilhem de sublimação à plena
luz?

Companheiros que vos ocultais sob a névoa grossa da anfetamina

Ou que transitais nas alucinações do ácido lisérgico,

Quem vos soerguerá com paciência, restituindo-vos o equilíbrio
nas trilhas naturais?

Que será de nós se não sobrevivermos em Cristo?

Sem Ele, ai de vós entregues às mandíbulas das máquinas,

Semelhantes a Moloques insaciáveis do sangue das vítimas!

E ai de nós no plano espiritual da Terra,

Que não podemos rogar piedade aos computadores nem pedir vida nova aos foguetes espaciais!

Que será de nós se não sobrevivermos em Cristo?

Homens, comunidades e nações conhecem a resposta...

Sem sobrevivermos em Cristo, na marcha em direção à solidariedade isenta das pedras do sarcasmo e livre dos punhos e golpes da violência, não passaremos de animais amando e odiando, edificando e arrasando, nas viagens de ida e volta berço-túmulo e túmulo-berço, embora refulgindo no ápice das conquistas biológicas, transistorizadas em nossas lembranças ancestrais a reben-tarem através de guerras e mais guerras, conforme a filosofia do imanente e segundo o registro do imemorial.

15

A Páscoa de todos**(J. Herculano Pires)**

Todos ressuscitaremos, como afirmou o apóstolo Paulo na primeira carta aos coríntios. A mensagem poética de Cid Franco nos traz a confirmação disso, nesta Páscoa de 1973, por duas maneiras. Dá-nos primeiro a prova da sua própria ressurreição e depois nos convida, a todos, para a ressurreição em Cristo. E para ilustrar numa visão histórica e mundial a realidade da ressurreição, mostra-nos o perigo do círculo vicioso das reencarnações em que podemos cair pelo apego animal aos planos inferiores, sem a iluminação em Cristo.

Sobreviver após a morte é uma lei natural. Todos nós e todas as coisas estamos sujeitos a essa lei. Mas sobreviver em Cristo é superar essa exigência biológica para atingir os planos superiores do Espírito. Não foi isso o que Jesus ensinou ao dizer: “Quem se apegar à sua vida perdê-la-á, mas quem a perder por amor de mim, esse a encontrará”?

O saudoso poeta de *À Procura de Cristo* e de *Trovas para o meu Senhor* continua a proclamar do Além o que sustentava no Aquém. Adverte-nos quanto ao perigo das máquinas devoradoras, da loucura tecnológica que enleia os povos nos tentáculos do polvo da ambição e ameaça-os com os cogumelos do extermínio. Convida-nos a vencer os alucinógenos da filosofia do imanente, dos tóxicos do pragmatismo, para podermos sobreviver na vida em abundância que o Cristo nos revela em sua ressurreição.

Páscoa quer dizer *passagem* e nós todos teremos a nossa páscoa individual ao passar desta vida para a outra. O poeta nos convida à Páscoa cristã – não a da passagem do Mar Vermelho – mas a da travessia do Mar Vivo nas águas lustrais do Evangelho.

16

Imperativos da indulgência

(Chico Xavier)

Em nossa reunião da noite, o item 16 do capítulo X de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*,¹² relacionado com os imperativos da indulgência, foi o tema principal dos comentários.

Lutas e inquietações da atualidade foram expostas pelos oradores que emitiram opiniões contrárias umas às outras. Ao término das tarefas o nosso caro Emmanuel escreveu a página “Apoio e Bênção”.

16

Apoio e bênção**(Emmanuel)**

Indiscutivelmente, quantos te cercam precisam de ti, tanto quanto, até certo ponto, necessitas de cada um deles.

Entretanto, acima de todos os tipos de auxílio, solicitar-te-ão aquele que se erige no socorro do entendimento, a fim de que lhes não falte cobertura espiritual no caminho.

* * *

Assegura proteção aos filhos queridos em tudo quanto se relacione com a providência no plano físico, mas quando não pensares por teus princípios não lhes sonegues apoio e abençoa-os sempre.

O esposo e a esposa, o companheiro e a companheira, os amigos e os colegas contam contigo na solução das dificuldades de ordem material. No entanto, quando errem, criando-te provas e lutas, ampara-os com os benefícios de tua própria compreensão, para que, de simples erro, não venham a sair para as grandes calamidades doméstico-sociais.

Se tens contigo pais difíceis e violentos, auxilia-os através da própria tolerância, com a qual o tempo efetua prodígios de concórdia e felicidade.

Familiares e amigos abraçando ideias contrárias às tuas? Não lhes recuses a aplicação das receitas de benevolência das quais já disponhas, de modo a que se reencontrem, quando em desacerto, nas bênçãos da vida.

Em verdade, todos precisamos uns dos outros, seja para compartilhar o pão que a Terra estende com fartura, seja para desfrutar o agasalho que a natureza nos ajuda a entretecer, em todas as direções. Mas todos nós, em qualquer tempo e em todas as situações, necessitamos, acima de tudo, de compreensão e bondade, estímulo e simpatia – as forças vivas do amor que nos fazem melhores para vivermos servindo e convivendo – sobrevivendo

a todos os problemas e experiências da vida, invariavelmente unidos pelo esforço constante de ascensão à Divina Luz.

16

A lâmpada acesa**(J. Herculano Pires)**

A vida pode escurecer ao nosso redor, mas se mantivermos a lâmpada acesa os contornos das criaturas amadas não desaparecerão nas trevas. O entendimento é a lâmpada mental que carregamos no escafandro do corpo, como o escafandrista carrega a sua no fundo do mar. Deixemos que a lâmpada se apague e não veremos mais nada ao nosso redor.

O mundo em mudança é como um dia de eclipse solar. Quando menos se espera o sol se apaga no céu e as trevas invadem a Terra. A evolução se acelera em nossos dias e o carro da vida se precipita em solavancos e curvas inesperadas. Precisamos de equilíbrio e firmeza para nos mantermos em nosso lugar e da luz do entendimento para clarearmos o caminho.

Em casa, com os familiares; no serviço, com os companheiros; na rua, com a multidão; a todo momento nos defrontamos com surpresas atordoantes. Os costumes se modificam, a velha rotina se quebra, as normas do relacionamento humano se subvertem. É o mundo que está mudando e, por mais que tudo nos pareça errado, a verdade é que ele muda para melhor, sob o impulso irrefreável das leis da evolução.

Até agora nos orientamos – apesar das lições milenares do Evangelho – pela moral egocêntrica da importância pessoal. Os conceitos de honra e dignidade que cultivamos são heranças bárbaras. O melindre, a susceptibilidade exagerada, o auto-respeito doentio, a autoconsideração orgulhosa, criavam conflitos insanáveis por toda parte. Esposas e filhos não eram companheiros, mas escravos e às vezes até mesmo objetos. Falávamos em indulgência e compreensão, mas como tiranos que só as desejavam para si mesmos.

Hoje a evolução nos força a compreender que somos todos interligados por dependências de ordem moral e espiritual. Precisamos compreender os outros, entender as situações alheias e auxiliar sempre para sermos também auxiliados. Os imperativos

da indulgência decorrem da necessidade de convivência. Compreender, perdoar e ajudar é a única maneira de cumprirmos os nossos deveres de pais, de filhos, de irmãos, à luz dos princípios cristãos. Um século e uma década após a mensagem de José, na França, Emmanuel precisa nos dar uma nova mensagem a respeito da indulgência, procurando acordar-nos para mantermos a lâmpada acesa.

17

Cansados e tristes

(Chico Xavier)

Muitos dos amigos e irmãos que nos visitavam a instituição mostravam-se desanimados e abatidos. Problemas da vida e conflitos em família eram comentados por grande número de companheiros. E muitos outros se diziam cansados e tristes, sem a alegria de viver.

Depois da visita aos lares, que fazemos habitualmente aos sábados, as conversações cessaram e deram lugar à reunião. *O Livro dos Espíritos* nos deu para estudo a pergunta-questão 943. O tema, que se referia às anotações da noite, foi explanado por uma de nossas irmãs presentes.

Ao término das tarefas a nossa Maria Dolores escreveu a mensagem-poema intitulada “Retrato da Fé”.

17

Retrato da fé**(Maria Dolores)**

Ao homem que tombara em desalento,
Crendo-se velho, inútil e sozinho,
Deus permitiu pudesse escutar, certa feita,
Grande árvore seca, mas de pé,
Que lhe falou, num cântico de fé,
À beira do caminho:

– Amigo, ergue-te e segue... Deus nos vê.
Não perguntes por que
A velhice aparente nos recobre...
Muitos passam aqui, parando na viagem...
Lamentam-me a nudez, dizem-me triste e pobre.
Entretanto, ainda guardo
A seiva da esperança e da coragem
Que Deus criou em mim.

Um dia fui esplêndido jardim,
Os pássaros cantavam nos meus braços,
Depois voavam, devorando espaços,
Em seguida, tornavam da distância
A me pedirem ninhos!
Com que amor lhes guardava os filhotinhos!

Louvava o Excelso Pai por minha mocidade
E orava a oferecer-lhe a minha gratidão
Sob a forma de flores
Do júbilo profundo,
Quando se tem no mundo
A paz do coração!...

Deus aceitava as minhas preces,
Transformando-as em frutos
Para todos aqueles que passassem...

Quantos homens vieram e os colheram!
Muitos nobres e bons, outros fracos e brutos
Que me varavam, galho a galho,
Sem refletirem no trabalho
Que Deus tivera em me formar...
Mas nada perguntei a eles quanto a isso,
Todos somos de Deus para a luz do serviço
Tendo por privilégio o dom de trabalhar.

Minha copa era grande... Era um vestido
Todo ele a vibrar, entretecido
De folhas semelhantes a esmeraldas...
Por isso mesmo, ante o verão candente,
Alegrava-me ouvindo a voz de tanta gente
Que me buscava o teto, assim como se busca
A brandura da fonte
Quando o sol nos ofusca,
Lembrando água de fogo
Fugindo sem cessar ao pouso do horizonte!

Depois, o tempo veio...
Tudo parece haver levado!
Meu corpo agora é nodulado e feio,
Mas creio em Deus e firmo-me de pé,
Porque Deus certamente me deseja
Para qualquer tarefa benfazeja...
Talvez que este meu corpo feio e nodulado
Possa servir de apoio certo e amigo
Para algum pássaro cansado
Que esteja ao desabrigo...

Não sei qual o destino a que o Céu me conduz,
Se algum machado bronco
Surgirá, de repente, a decepar-me o tronco,
Para que eu volte ao Alto, em espiras de lume
Na forma de calor ou de perfume
Em alguma fogueira que me aguarde.
E nem sei se serei aproveitada
Em singela choupana

Que me acolha, mais tarde,
Para ajudar a nobre vida humana!

Nada sei do porvir,
Sei que pertenço a Deus e que devo servir...
O Homem que se cansara sem razão
Levantou-se do chão,
Fitou o mundo em torno!
Do verme ao firmamento e do lodo ao cascalho
Tudo era vida e luz, regozijo e trabalho...

No pranto de emoção
Que a alegria lhe dava ao coração,
Exclamou para os Céus:
– Sê louvado, Senhor!...
Num lenho que julguei largado e semimorto,
Deste-me nova fé, visão, auxílio, reconforto!
Perdoa-me, Senhor, a rebeldia,
Esquece todo o mal que fiz nos erros meus!
E pelo doce amor
Que esta árvore, a sós, entesoura e irradia,
Obrigado, meu Deus!

17

Retrato do tédio**(J. Herculano Pires)**

Maria Dolores nos dá, nesse poema, não só o retrato da fé, mas também o retrato do tédio. Na pergunta 943 de *O Livro dos Espíritos* temos a resposta de que o tédio provém da ociosidade, da falta de fé e da saciedade. O homem saciado e ocioso não encontra beleza nem estímulos na vida. A falta de fé o leva ao desespero e à angústia que caracterizam o nosso tempo e sua árida filosofia. “O homem é uma paixão inútil”, afirma Sartre, o filósofo e profeta do nada. O homem “velho, inútil e sozinho” que encontrou a árvore seca é o retrato do tédio e da náusea, da famosa náusea sartreana.

Mas a árvore seca estava em pé. Continuava de galhos abertos no espaço, no mesmo gesto acolhedor do passado verdejante. E se não tinha mais frutos, podia ainda oferecer ao viandante o seu exemplo de firmeza e de fé. Todas as coisas falam. E se tivermos *ouvidos de ouvir*, como ensina o Evangelho, as pedras podem clamar ao nosso redor e as árvores secas podem transmitir-nos as suas mensagens. A velhice, a inutilidade, a solidão só existem para aqueles que se entregam ao desânimo, que subestimam as próprias forças.

Como ensinava Léon Denis, cada fase da vida tem a sua finalidade no conjunto da existência. Se as forças físicas enfraquecem na velhice, as forças espirituais podem aumentar. Se o homem não tem mais ilusões, tem experiência e sabedoria. O jovem afoito, embriagado pela juventude, está sujeito a muitos erros e decepções. O velho experimentado e compreensivo será uma velha árvore que pode acolhê-lo e despertá-lo para a compreensão real da vida, apontando-lhe o caminho seguro da fé à luz da razão. O tédio é a ferrugem da alma. Só corrói as almas que se abandonam a si mesmas, que se atiram por covardia nos montes de ferro-velho.

18

Respeito aos pais

(Chico Xavier)

A mensagem de Maria Dolores – homenagem às mães ¹³ – foi recebida em nossa reunião pública após a leitura do item 3 do capítulo XIV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. O tema se refere ao respeito que devemos aos nossos pais na Terra.

18

Ouçã, mãezinha**(Maria Dolores)**

Quero lembrar, mamãe, a vida de criança
quando você me punha de mãos postas
e ensinava-me a oração:

– “Pai nosso, que estais no Céu,
santificado seja o vosso nome...”

Depois da prece, ao desunir-me as mãos,
você me esclarecia:

– “Todos somos irmãos,
a lei de Deus é praticar o bem,
perdoar e servir sem perguntar a quem.”

No entanto, logo após, se alguém
me molestava, você perdia o rosto amigo
e protestava incontinenti:

– “Quem ferir a você há de se haver comigo!”

Se me entregava à rebeldia,
quebrando o prato ou rasgando a lição,
você me recolhia junto ao peito,
e se os vizinhos nos aconselhavam
a fugir da superproteção,
você justificava com seu jeito:

– “Ninguém nasce perfeito,
eu só sei que sou mãe...”

Se parentes e amigos me acusavam
pelos erros que fiz,
você me defendia revoltada,
mostrando-se infeliz...

E depois, a fitar-me enternecidamente,
você falava assim:

– “Não creia nas intrigas dessa gente

que nada vale para mim.
Tenho em você um anjo que não erra,
que apareceu na Terra
para grande missão...
Será você em nossa casa
o nosso apoio e a nossa salvação!”

Eu tudo ouvia num deslumbramento...
Depois, mamãe, o tempo, igual ao vento,
veio e varreu as suas profecias.

Quando cresci, cheguei a acreditar
que você fosse
egoísta e antiquada, de ânimo violento.
E, acalentando estranhas fantasias,
troquei o nosso lar por estradas sombrias...

Tudo o que então sofri não sei contar.
Muitas vezes chorei
meditando em você, triste sozinha,
nas aflições e magoas que lhe dei,
a humilhar-se e lutar por culpa minha!

Um dia regresssei
sobre os meus próprios passos.
Tive saudade de você...
Você me abriu os braços...
Não quis saber o que eu fizera,
nem como nem por quê...
E ao relatar meus grandes infortúnios,
vi pranto nos seus olhos.
Seu carinho enlaçou-me e você me falou,
cariciosamente,
no mesmo antigo e doce tom de voz:
– “Nunca perca a esperança, meu tesouro!
Deus terá novo rumo para nós.”

Hoje, passado tanto tempo,

venho vê-la e beijá-la, mãe querida!
Não preciso explicar que não fui anjo,
nem gênio salvador.
Quero apenas dizer que o seu imenso amor
fortaleceu-me a fé e iluminou-me a vida!

E se posso pedir algo de novo,
embora não mereça,
abraçe-me e perdoe... perdoe e esqueça
as lâminas e espinhos
que lhe finquei no peito
em forma de aflição.
E depois da oração
que você me ensinava,
diga, mamãe, enquanto estamos sós:
– “Nunca perca a esperança, meu tesouro!
Deus terá novo rumo para nós.”

18

A nova dimensão**(J. Herculano Pires)**

Acelera-se a evolução da Terra. Novos tempos abrem-se diante de nós. Da chamada Era Tecnológica passamos sem sentir para a Era Psicológica. Começamos a perceber, apesar dos óculos opacos do pragmatismo, que na verdade não vivemos no plano material, mas no espiritual. Acertam as Filosofias da Existência ao sustentarem a natureza subjetiva do ato de existir. O homem não é um ser biológico, mas psíquico. Vivemos de anseios, de aspirações, de sonhos, de ideias e sentimentos. A própria técnica, aplicada à Psicologia, revela cada vez mais a intensidade da nossa vida emocional que se sobrepõe à estrutura tecnológica e dirige a nossa mente em busca da verdade espiritual do homem.

Maria Dolores coloca esse problema na mensagem comemorativa do Dia das Mães. Tecnicamente procuramos conduzir a criatura humana através de esquemas psicológicos traçados sob a inspiração das máquinas. Queremos reajustar comportamentos e reorganizar a vida em termos cibernéticos. Procuramos dar ao homem a eficiência fria dos mecanismos que movimentam as máquinas. Mas o homem reage e cai na revolta da angústia, do desespero, da insubmissão aos esquemas rígidos. O amor desvirtuado, a ternura asfixiada, a liberdade descontrolada, explodem na revolta dos instintos animais que levam à enganosa fuga dos tóxicos e das ideologias fratricidas.

Cria-se uma nova terminologia. Escreve-se e fala-se levianamente sobre impulsos vitais, autenticidade, opressão familiar, superproteção e coisas semelhantes. Mas a força maior que impulsiona os seres e move os mundos no espaço fica no esquecimento. Poucos se lembram do poder do amor e são considerados como passadistas, marginais do progresso, inadaptados aos novos tempos. Maria Dolores volta a bater na tecla esquecida para mostrar que o verdadeiro amor transcende a todas as nossas ambições técnicas. A mãe superprotetora pode errar nos seus exces-

sos de vigilância, mas erra menos do que os psicólogos de mentalidade cibernética.

O amor materno cobre a loucura dos homens e abre uma nova dimensão para a vida humana. É a dimensão do humano sobrepondo-se à dimensão do animal e da máquina. A palavra *mãe*, tão pequenina, escapa às medidas técnicas dos psicólogos mecânicos. É um raio de luz que as peneiras metálicas não conseguem prender. A senha do futuro abrindo as portas da verdadeira vida. Vale mais um beijo de mãe de olhos fechados do que todas as técnicas modernas para corrigir e orientar os filhos.

19

Problemas da família

(Chico Xavier)

Em nossas tarefas e estudos da noite, *O Livro dos Espíritos* nos trouxe à meditação e ao comentário a questão 205, alusiva aos problemas da família na Terra. O assunto inspirou vários apontamentos.

Creemos que a época dedicada mais especialmente ao Dia das Mães suscitou muitas observações sensatas da parte de vários amigos presentes. Ao término da reunião, diversos trovadores, presentemente desencarnados, escreveram as “Notas do Lar”.

19

Notas do lar
(Espíritos diversos)

Lar erguido unicamente
Para o egoísmo de dois:
Desilusão pela frente
Com desespero depois.

José Albano

Lar às vezes lembra um campo
De lutas indefinidas
Em que pagamos com juros
Os débitos de outras vidas.

Múcio Teixeira

Lar no mundo transitório
Por vezes lembra hospital,
Pequenino sanatório
De cura espiritual.

Jésus Gonçalves

Louvada seja a mulher
Que esquece os dons femininos
Para ser mãe dos enfermos
E amparo dos pequeninos.

Vivita Cartier

Lar é núcleo de fusão,
Cadinho renovador,
Que apura no coração
As qualidades do amor.

Toninho Bittencourt

Lar em que só se aproveite
Interesse frio e inglório
Começa com muito enfeite
E acaba num purgatório.

Cornélio Pires

Lar é um cárcere querido
Com que a gente se habitua.
Onde se paga escondido
O que se deve na rua.

Lulu Parola

Na vida terrestre o corpo
É a cela que nos isola,
Família é a classe em lição
E o lar é a bênção da escola.

Casimiro Cunha

Amor – um rio gigante
Que salta qualquer divisa.
O sexo controlado
É a força que o valoriza.

Marcelo Gama

Bendita seja a mulher
Que busca o lar que não tem
Nos lares da caridade
Que acendem a luz do bem.

Irene S. Pinto

Mulher em qualquer sentido
Não há sombra que a degrade,
A mulher é sempre mãe
No apoio da Humanidade.

Antônio Salles

19

Cadinho de prata**(J. Herculano Pires)**

A desagregação da família, de que tanto se fala em nossos dias, não é mais do que fenômeno social de mudança. Através dos tempos a família passou por mudanças diversas. Os que pretendem a sua destruição – sempre por motivos egoístas – são sonhadores desorientados, utopistas do absurdo. Porque o homem é um ser gregário que não pode prescindir de companhia e necessita de lar para o seu próprio desenvolvimento. Biológica, sociológica, moral e espiritualmente o ser humano depende da família.

A estrutura familiar sofrerá, naturalmente, muitas mudanças ao longo do processo evolutivo, adaptando-se às novas condições de progresso terreno. Mas mudança não quer dizer destruição e sim reajustamento. A mulher traz consigo o anseio da maternidade. O homem, por mais que se extravie nas suas tendências aventureiras e nas teorias egocêntricas, guarda sempre consigo o desejo secreto da paternidade. E todos temos, no mundo espiritual, criaturas amadas que precisam retornar ao nosso convívio na Terra.

Por tudo isso, o lar pode ser comparado a sanatório, campo de lutas, cárcere, escola, purgatório, como o fizeram os trovadores do Além. Mas a imagem talvez mais apropriada seja a de *núcleo de fusão, cadinho renovador* que Toninho Bittencourt nos oferece em sua trova. Cadinho, esse pequeno vaso de metal ou argila, que nos vem da mais alta antiguidade, destina-se à fusão de metais. Entre gregos e romanos usava-se o cadinho de prata que melhor se compara ao lar. Um cadinho precioso em que fundimos os metais do nosso egoísmo para formar a liga do altruísmo.

No lar passamos pela experiência da interdependência humana. Aprendemos a amar aos outros e não apenas a nós mesmos. Pagamos dívidas de gratidão e abrimos créditos no mesmo sentido. A vida humana passa depressa, mas o espírito, que não morre, sai renovado e purificado do cadinho do lar. Por pior que seja

o nosso lar, estamos nele para melhorar, o que vale dizer para nos humanizarmos.

20

Atritos e conflitos

(Chico Xavier)

As tarefas doutrinárias foram precedidas de várias conversações que giraram em redor dos atritos e conflitos de nossos processos de vivência comum. Aberto *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, tivemos o item 17 do capítulo XIII sobre a piedade.

Os comentários assumiram características variadas; a mensagem de Emmanuel foi recebida ao término de nossas atividades da noite.

20

Compadece-te e acertarás**(Emmanuel)**

No instante de analisar o comportamento menos feliz desse ou daquele irmão, compadece-te e acertarás.

Na base da solução de quaisquer problemas, na ordem moral da vida, a compaixão é a porta de acesso.

Em verdade, todos estamos cercados de companheiros crivados de inquietação e de angústia.

Não lhes agraves a dor.

Este acreditou que fazia justiça e caiu no remorso;

aquele admitiu que vigilância fosse tirania e converteu-se em verdugo dos entes mais caros;

outro supôs que afeição se erigisse unicamente em prazer e estirou-se em desequilíbrio;

aquele outro imaginou a que penúria devesse alicerçar a economia e afundou-se em avareza;

e outro ainda entendeu que a Divina Providência lhe fosse apoio exclusivo ao mundo pessoal e transfigurou a própria fé em azorrague dos semelhantes.

Reflete nos enganos a que se renderam, desprevenidos, e compadece-te.

Quando não consigas aliviar-lhes os padecimentos, entretece um véu de esperança que lhes resguarde a frente contra o assalto das trevas.

Deus é a justiça que se executa nas leis que o revelam, mas também é a misericórdia no amor que lhe assegura a onipresença.

Os que se transviam sabem-se transviados sem que se faça preciso se lhes esvurmem as chagas íntimas a golpes de acusação ou censura.

Todos nós, quando nos precipitamos em delinquência, conhecemos, à saciedade, o sombrio lugar em que a nossa mente estagia.

Que nos bastem ao resgate os sofrimentos da culpa.

A dor existe para mostrar que não há desajuste sem possibilidades de retificação. E na base de todo o equilíbrio reina a Eterna Sabedoria que nos fez imortais. Por isso mesmo, determinou o Senhor se lhe atribuísse nas revelações da verdade a afirmativa inesquecível: “Misericórdia quero e não sacrifício”.

20

A medida certa**(J. Herculano Pires)**

Medimos, medimos sempre. Carregamos em nossa mente a fita métrica do juízo. Se nos apresentam alguém, imediatamente medimos esse alguém da cabeça aos pés. Mas nunca nos interessamos por verificar se o nosso instrumento de mensuração está certo, se não se alterou com o tempo e o uso; Deus nos deu o juízo como reflexo da sua divina justiça, pois nos fez à sua imagem e semelhança, não no corpo, mas no espírito. E por isso nos deu também a compaixão que é o reflexo da sua divina misericórdia. A nossa imperfeição nos leva a carregar na justiça e esquecer a misericórdia que em Deus se equilibram.

Em 1862, na cidade de Bordeaux, na França, o Espírito protetor Michel deu uma comunicação sobre a piedade que figura no capítulo XIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Essa mensagem começa assim: “A piedade é a virtude que mais nos aproxima dos anjos. É a irmã da caridade que nos conduz para Deus”. Piedade e compaixão são sinônimos. O Espiritismo nos ensina que evoluímos em direção a Deus, mas que entre a condição humana e Deus existe a fase angélica pela qual teremos de passar. Ninguém se elevará espiritualmente usando apenas a fita métrica do juízo.

A medida certa que podemos aplicar aos outros é o juízo regulado pela piedade, como Emmanuel volta a ensinar-nos, mais de cem anos depois da comunicação de Michel. A violência dos tempos antigos que nivelou povos bárbaros e civilizados pelo mesmo padrão de animalidade, como a violência do nosso tempo em que os resquícios do passado repontam ameaçadores, servem para mostrar-nos como é difícil o aprendizado na Escola da Terra. Alunos renitentes, voltando sempre às mesmas classes, através da reencarnação, ainda não aprendemos a cartilha do Evangelho. A revelação espírita nos socorre neste momento com seus novos métodos de ensino, procurando franquear-nos a porta das promoções necessárias.

Já é tempo de pensarmos nas lições de humanidade que Jesus nos deu através de palavras e exemplos. A Terra está em fase de transição para um mundo melhor. Nossas provas atuais são provas finais. Se não passarmos no exame, esmagados ao peso do egoísmo animal, seremos transferidos para outras escolas a fim de reiniciarmos os estudos.

21

Comportamento verbal

(Chico Xavier)

Precedendo a nossa reunião pública, as opiniões em torno da palavra assumiam várias características. Principalmente no trato das criaturas que nos cercam, como seria melhor o nosso comportamento verbal? Assim diziam muitos dos nossos irmãos presentes. E as respostas diferenciadas iam surgindo.

Companheiros muitos afirmavam que é preciso destacar o mal a fim de extingui-lo, mostrando-lhe as cores agressivas. Outros asseveravam que é necessário dar ao palavrão liberdade completa para que a pessoa se desiniba. Outros diziam que a criatura deve alijar qualquer pensamento que lhe nasça no cérebro em forma de palavras, para descartar-se das impressões de que se veja objeto. E outros ainda optavam pelo controle de nossas possibilidades verbais a fim de nos educarmos para a vida.

Iniciada a reunião *O Livro dos Espíritos* nos deu para estudo a questão 919.¹⁴ E o nosso amigo espiritual Albino Teixeira, na fase final, esteve presente com sua mensagem.

21

Auto-retrato**(Albino Teixeira)**

Sempre que a nossa palavra:

censura,

justifica,

levanta,

rebaixa,

deprecia,

louva,

depreda,

restaura,

complica,

auxilia,

apoia,

fere,

abençoa ou condena seja a quem for,

estamos fazendo o nosso próprio retrato. E isso acontece porque sendo realidades dos outros as atitudes, os pensamentos, as ideias, as emoções, os planos e as intenções dos outros – cujas origens autênticas não conseguimos penetrar –, toda vez que nos referimos aos outros estamos sempre efetuando a projeção parcial ou total de nós mesmos.

21

Martelada final**(J. Herculano Pires)**

Albino Teixeira não perdeu tempo. Diante das confusões do diálogo humano sobre a palavra deu um aparte rápido, desfechou a martelada final. Nada mais disse nem lhe foi perguntado. A mensagem incisiva acertou no meio do alvo. A palavra é projeção da alma. A gente fala do que o coração está cheio, diz o provérbio. Emmanuel, no seu livro *Pensamento e Vida*, explica a mecânica da palavra: que vai da percepção à sensação, desta à emoção e desta ao pensamento e à expressão verbal. Como se vê, a sabedoria popular está certa, pois a palavra nasce do coração. Pensamos o que sentimos e falamos o que pensamos.

Santo Agostinho diz, na sua resposta a Kardec, que Deus colocou os inimigos ao nosso lado como espelhos, pois eles dizem o que sentem a nosso respeito sem o disfarce piedoso dos amigos. Albino Teixeira considerou a palavra como auto-retrato parcial ou total. Ambos mostram-nos a importância da palavra como forma de revelação do que somos. Os inimigos dão-nos o seu próprio retrato nas ofensas que nos dirigem, mas como refração do retrato pessoal que lhes demos em nossas palavras.

O palavrão empregado como catarse, como desabafo, não é apenas isso. É também confissão das sujeiras que trazemos por dentro. E confissão não basta para limpar a alma. Não podemos esquecer que as modernas teorias da desinibição partem de psicólogos materialistas que nada entendem dos problemas da alma, que consideram os problemas psíquicos em termos de reflexos orgânicos. A própria Parapsicologia atual condena essas psicologias sem alma que perderam o seu objeto, como lembrou o Prof. Rhine, classificando-as como simples ecologias, estudos da relação entre sujeito e meio.

No outro extremo do assunto temos o farisaísmo da palavra fingida, adocicada a ponto de dar enjoo. Nem tanto ao sal, nem tanto ao açúcar. No meio é que está o certo, a dosagem correta. Por isso ensinou Jesus: “seja o teu falar sim, sim; não, não”.

Nossa palavra tem de ser sincera, mas evitando os extremos. Mesmo porque a palavra tem força. Se nos habituarmos às más palavras elas nos arrastarão na enxurrada deixando-nos cada vez piores. Se nos habituarmos às palavras boas, sensatas e firmes, elas consolidarão o que temos de bom e nos ajudarão a melhorar.

22

Receio e desânimo

(Chico Xavier)

As tarefas da noite foram precedidas por muitas alegações de receio e desânimo, frente às lutas da vida na atualidade, por parte de dezenas de amigos que nos visitavam. Muitos episódios tristes, muitos casos de provação.

O Evangelho Segundo o Espiritismo nos deu o item 19 do capítulo XXIV¹⁵ para estudo. E o nosso amigo espiritual Emmanuel, complementando as lições da noite, escreveu por nosso intermédio a página “Vencerás”.

22

Vencerás

(Emmanuel)

Não desanimes.

Persiste mais um tanto.

Não cultives pessimismo.

Centraliza-te no bem a fazer.

Esquece as sugestões do medo destrutivo.

Segue adiante, mesmo varando a sombra dos próprios erros.

* * *

Avança, ainda que seja por entre lágrimas.

Trabalha constantemente.

Edifica sempre.

Não consintas que o gelo do desencanto te entorpeça o coração.

Não te impressiones à dificuldade.

Convence-te de que a vitória espiritual é construção para o dia-a-dia.

* * *

Não desistas da paciência.

Não creias em realização sem esforço.

Silêncio para a injúria.

Olvido para o mal.

Perdão às ofensas.

Recorda que os agressores são doentes.

Não permitas que os irmãos desequilibrados te destruam o trabalho ou te apaguem a esperança.

Não menosprezes o dever que a consciência te impõe.

Se te enganaste em algum trecho do caminho, reajusta a própria visão e procura o rumo certo.

* * *

Não contes vantagens nem fracassos.

Estuda buscando aprender.

Não te voltes contra ninguém.

Não dramatizes provações ou problemas.

Conserva o hábito da oração para que se te faça luz na vida íntima.

* * *

Resguarda-te em Deus e persevera no trabalho que Deus te confiou.

Ama sempre, fazendo pelos outros o melhor que possas realizar.

Age auxiliando.

Serve sem apego.

E assim vencerás.

22

A técnica da vitória**(J. Herculano Pires)**

Todos sabemos que a vida é uma luta. Não estamos na Terra para sofrer nem para gozar, mas para vencer. Lutamos contra o meio ambiente, contra os desajustes da estrutura social, contra doenças e incompreensões, contra a maldade humana e a agressividade dos elementos, contra as influências espirituais negativas, mas principalmente contra as nossas próprias deficiências, contra as nossas ambições e o nosso egoísmo. O desânimo nos assalta quando nos consideramos injustiçados, esquecidos por Deus, submetidos a penas que não afligem os outros. É o momento em que o nosso egoísmo se manifesta na revolta do orgulho.

O exemplo de Jesus devia lembrar-nos a técnica da vitória. Ele tomou a sua cruz sem nada dever e na hora suprema do sacrifício injusto orou ao Pai em favor dos seus algozes. Alguns dentre nós, mesmo os mais aparentemente evoluídos, poderiam considerar-se mais dignos da atenção de Deus do que Jesus? Ele não nos mandou tomar a nossa cruz e avançar sozinhos, mas segui-lo. Porque à frente de todos nós seguiu Ele ao peso da cruz que não merecia. Sua missão era transformar o mundo, salvar os homens da maldade, libertá-los do egoísmo que os fazia arrogantes e impiedosos. Sua técnica não foi a da revolta mas a da resignação e da fé.

Não há dúvida de que a fé pode vacilar no coração do homem que suporta pesadas provas, mormente quando essa fé é apenas emocional e não racional. Mas os que já aprenderam que a vida tem um sentido, uma finalidade, e que as provas da vida correspondem às necessidades evolutivas de cada um, devem possuir uma fé mais vigorosa. No meio do torvelinho lembremo-nos de que as forças desencadeadas tendem obrigatoriamente a restabelecer-se no equilíbrio natural. Tudo na vida humana é passageiro, nada permanece para sempre. Por que nos desesperarmos quando sopra a ventania, se sabemos que ela passará inevitavelmente?

Emmanuel nos lembra ainda o poder do amor, o maior de todos os poderes, que podemos usar em nossa defesa. A confiança em Deus – pois Deus é amor, como ensinou o apóstolo João – e o conhecimento da lei do amor devem socorrer-nos nas horas de aflição. Usando esses recursos da técnica da vitória, nada temos a temer. Os que se entregam e sucumbem são desertores.

23

Reclamações amargas

(Chico Xavier)

A nossa reunião pública era integrada por grande número de pessoas em luta com familiares e companheiros que estavam ausentes. Pais inimizados com os filhos, genros e noras queixando-se dos sogros, sócios em desavença, depois de abraçarem, juntos, os interesses das empresas em que se harmonizavam, irmãos contra irmãos.

Tratava-se de uma noite de sábado.¹⁶ E a nossa visita em grupo a diversos lares de irmãos em necessidades materiais e espirituais maiores que as nossas estava pontilhada de reclamações amargas.

Um dos amigos, na caminhada de fraternidade, chegou a dizer que pedira ao espírito de Cornélio Pires alguma página de consolo e esclarecimento, pois dizia-se ameaçado de receber humilhações de antigos associados da firma comercial que fundara.

Iniciadas as tarefas espirituais para o encerramento dá nossa peregrinação da noite, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* nos deu a estudar a página intitulada *Ódio*, no item 10 do capítulo XII. E, com grande reconforto para nós todos, o nosso Cornélio veio e escreveu a mensagem que intitulou “Ódio e Vida”.

23

Ódio e vida**(Cornélio Pires)**

Recebi o seu bilhete,
Meu caro Joaquim Lorena.
Respondo: – ódio é loucura
Que nunca valeu a pena.

Sei que você tem sofrido
Muita pedrada encoberta...
Mas não se vingue. Perdoe.
O tempo tudo conserta.

Quem apanha aguenta feras,
Assim qual você me diz,
Mas quem ofende ou maltrata
É muito mais infeliz.

Para quantos nos imponham
Golpe, injustiça, pesar,
Injúria ou perseguição,
A desforra é perdoar.

Assim é, porquanto a vida
Não faz princípios em vão.
E a vida extingue as discórdias
Na Lei da Reencarnação.

Veja o problema de Amélia:
Por ódio arrasou com Benta,
Mas Benta nasceu de novo,
É a filha que ela amamenta.

Numa aversão prolongada,
Ninica matou Concheta...
E eis que a vítima voltou,
São agora avó e neta.

Numa briga provocada
Cristino apagou Léo Gama...
Léo, porém, tornou à Terra,
É o filho que ele mais ama.

Prejudicavam-se em ódio,
Rosendo e Janjão de Tuta...
Morreram e renasceram,
Dois irmãos gêmeos em luta.

Lalau em longa demanda
Matou Quincas da Moenda...
Quincas voltou, é o netinho
Que vai herdar-lhe a fazenda.

Por ódio ao genro, o Trajano
Caminha de mal em mal,
Sempre esgotado e nervoso,
De hospital para hospital.

Se você quer ser feliz
Nunca se arrede do bem,
Auxiliando e servindo,
Não pense mal de ninguém.

Perante a Bênção da Vida
Perdão é saúde e fé,
Ame e perdoe, caro amigo,
Deus é Amor, isso é que é.

23

A desforra é perdoar**(J. Herculano Pires)**

Psicólogos modernos sustentam que o ódio é uma necessidade que tanto devemos amar como odiar. E alguns, mais ferozes na sua concepção da vida, chegam mesmo a afirmar que devemos odiar com o máximo de intensidade e externar o ódio para que ele não nos envenene. O conceito do homem que essa psicologia nos apresenta é em si mesmo um grave sintoma de enfermidade mental. A imagem desse homem animalesco decorre de uma visão mórbida da criatura humana esmagada pelos instintos animais. Não obstante, a própria Psicanálise, imantada inicialmente ao conceito da libido, já desde Freud encontrou a válvula da sublimação. E seus avanços posteriores, ao lado de progressos notáveis da Psiquiatria e das pesquisas psicológicas em vários campos, confirmaram a teoria espírita dos *instintos espirituais* que orientam a nossa formação humana,

Querer extinguir o ódio com a prática da odiosidade é o mesmo que pretender apagar o fogo com gasolina. Ódio gera ódio. Por isso, como Cornélio Pires ilustra nas suas quadras, o incêndio do ódio, que alimentarmos em nós e nos outros, terá de ser apagado pelos princípios da vida através da reencarnação. O Evangelho do Cristo substituiu a lei bíblica do olho por olho e dente por dente pela lei do amor ao próximo, incluindo no próximo os próprios inimigos. Onde não existir a luz do perdão as reencarnações dolorosas se processarão em círculo vicioso. Ficaremos presos à roda viva dos resgates penosos, por séculos e milênios, até aprendermos a amar os inimigos.

O ódio é destruidor, é o ácido corrosivo da inferioridade espiritual. O homem que odeia se animaliza, rebaixa-se ao nível das feras. O amor é a força criadora que distingue o homem do bicho. A desforra do homem inferior é a injúria, a agressão, a vingança, o assassinato. A desforra do homem superior é o perdão. Quando perdoamos, desarmamos o adversário, ajudamo-lo a fazer-se criatura humana, *a ser gente*. Toda a cultura humana se

assenta no amor: O ódio é a negação da cultura, o domínio da barbárie, como vemos diariamente no mundo do crime. Só os loucos defendem e pregam o ódio, porque a mente desequilibrada semeia o desequilíbrio.

24

Conflitos domésticos

(Chico Xavier)

As nossas tarefas foram precedidas por várias observações de pais e mães que dialogavam no recinto. Eram amigos ou simpatizantes da Doutrina Espírita que nos visitavam procurando esclarecimento e reconforto, em vista dos conflitos domésticos que estão enfrentando – conflitos sobretudo com os próprios descendentes.

No remate de cada conjunto de alegações só a ideia e a certeza da reencarnação davam lógica e entendimento aos assuntos em foco. Depois de várias conversações, todas elas proveitosas e oportunas, a nossa reunião foi iniciada e *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu para estudo as questões 209 e 210,¹⁷ que motivaram comentários preciosos sobre os temas da família consangüínea, aliados aos ensinamentos da reencarnação.

Ao término da reunião mais uma vez Emmanuel esteve presente complementando os estudos da noite.

24

O parente difícil**(Emmanuel)**

O parente que se te instalou no caminho por obstáculo dificilmente transponível...

Abençoa-o e ampara-o, quanto puderes.

As leis de causa e efeito, tanto quanto os princípios de afinidade, não funcionam sem razão.

Observa.

O tempo segue rápido. Criaturas que viste na infância do corpo físico, quase que de improviso se transformaram e renteiam contigo nos caminhos da madureza.

Acontecimentos que rearticulas, a cores vivas, na memória, mostram a idade de muitos lustros.

Assim, no curso do tempo, as existências se intercambiam umas com as outras.

Os companheiros do passado voltam a nós, reclamando o trabalho ou a pacificação, o reajuste ou a assistência que lhes devemos.

Esse coração magoado e sofredor que nos compartilha a estrada do cotidiano na Terra é invariavelmente aquele mesmo espírito que nos fez o credor de maior ternura e mais ampla abnegação.

O filho rebelde, junto do qual te surpreendes hoje, é o irmão a quem prejudicaste ontem, com irreflexões que o atiraram para a teimosia ou para as sugestões de vingança;

a filha menos submissa de agora é a jovem de antigamente em cujo sentimento plantaste desespero e revolta;

o pai enigmático dos dias que correm é o companheiro que escravizaste aos próprios caprichos e de quem, no pretérito, comandavas as horas com violência e tirania;

a genitora dominante é a irmã de outrora que tratavas sob os pés;

o familiar portador de inquietação e de sofrimento é sempre a mesma pessoa que se desequilibrou à conta de nossos erros, em épocas transatas, e que exige reabilitação ao preço de nosso cuidado e devotamento, nas áreas da existência física.

É verdade que isso nem sempre ocorre na pauta de débitos nossos, ante a justiça. O amor, onde surja, sabe sempre trazer a si aqueles a quem se consagra, convertendo empecos e provas em esperanças e alegrias, à feição de Jesus que nos ama desde séculos imemoriais muito antes que o conhecêssemos, e nos sustenta a todos, na Terra, sem dívida alguma para conosco. Ainda assim, recordemos: todo parente difícil é trabalho de amor ou rearmonização que a Divina Providência nos confia, a fim de que tenhamos o privilégio de transfigurá-lo em degrau de serviço e de luz, no rumo de nossa própria sublimação.

24

A alquimia do amor**(J. Herculano Pires)**

Para transformar as almas só existe um poder miraculoso: o amor. Sem ele, caímos inevitavelmente no cadinho do sofrimento, sob o fogo da dor. O amor é aquela energia misteriosa que os alquimistas procuravam, capaz de produzir a panaceia universal, remédio para todos os males, e revelar a pedra filosofal que transformava os metais comuns em ouro. A um toque de amor, as almas rudes e violentas se aprimoram e se abrandam. Por isso, ensina-nos Emmanuel que filhos e parentes difíceis não são enviados a nós apenas como inimigos do passado, mas também como criaturas queridas que perdemos nos descaminhos da vida. Nosso amor os atraí para transformá-los. Nesses casos de alquimia espiritual, os pais são sempre pacientes, abnegados, como os alquimistas medievais que se empenhavam em longas destilações e fundições em busca de resultados impossíveis.

Em geral, pensamos que os alquimistas nada produziram nas suas loucas tentativas. Mas a verdade histórica é bem outra. Da velha alquimia nasceu a Química, toda uma técnica de filtragem e mistura, de fusão de metais, com resultados positivos para a evolução científica do planeta. Assim, também na alquimia do amor, através das metamorfoses da reencarnação, os sacrifícios não são inúteis, os sofrimentos trazem os seus frutos. A mãe, que tudo perdoa e tudo esquece, acaba tocando o coração do filho e nele acende a chispa renovadora do amor. O pai, que suporta a rebeldia do filho em nome do amor paterno, dá-lhe a lição viva do exemplo que o libertará do passado negativo. Ai de nós se não fosse o amor, esse toque do espírito que, como a vara de Moisés, faz nascer da pedra a água para os sedentos!

Deus criou o mundo por amor, num ato de amor fez surgir o caos do nada e o cosmos do caos. Essas alegorias aturdem os espíritos positivos, mas quando encaramos a vida em suas transformações, vemos que a metamorfose é uma lei universal. Por toda parte as coisas e os seres se transformam. Os educadores

antigos usavam os castigos físicos para os alunos rebeldes, mas os pedagogos modernos verificaram que a verdadeira disciplina é a que nasce do coração do educando tocado pelo coração do mestre. Descartes descobriu que a ideia de Deus é inata no homem; Rousseau revelou a bondade natural da criatura humana e desde Pestalozzi sabemos que a educação é um ato de amor. Mas esse ato de amor não se realiza apenas na escola; começa no lar e prossegue pela vida afora. Os pregoeiros do ódio e da violência ainda infestam a nossa cultura, mas os conflitos e as fogueiras que acenderam se vão apagando ante a compreensão de que o amor é a única força capaz de modificar o mundo. Por isso, Jesus ensinou que devemos amar os nossos inimigos e perdoar sempre. Filhos e parentes difíceis são pedintes de amor que o nosso amor atraiu para as nossas vidas. Não são provações, são apenas provas.

25

Apreensões e conflitos

(Chico Xavier)

Em nossas tarefas da noite reuniu-se, como que de propósito, grande número de irmãos inconformados. Muitos vinham de longe, de cidades tão distantes umas das outras, mas com o mesmo problema: apreensões e conflitos.

Conversamos todos, em diálogo fraterno, sobre várias soluções que a vida nos oferece. Quando começou a reunião, propriamente dita, *O Evangelho Segundo o Espiritismo* nos ofereceu para estudos e reflexões a página confortadora de item 7 do seu capítulo IX, sobre a paciência.

“Lembrança de Companheiro” foi a mensagem que recebemos no final de nossas atividades.

25

Lembrança de companheiro**(Emmanuel)**

Quantas vezes rogais orientação nas experiências da vida!

Frequentemente bateis à porta da Espiritualidade carregando aflições e desgostos, qual se estivésseis esmagados por pedras de desespero. Entretanto, na maioria das ocasiões, o remédio providencial para a supressão disso já vos enriquece o conhecimento.

Quem de nós desconhecerá o impositivo da paciência, diante dos processos de inquietação que nos assaltam as sendas evolutivas?

Tão simples a indicação – objetar-se-á – que a lembrança nada mais expressa que o óbvio, tão fatal no caminho de todos quanto o ramerrão do cotidiano.

Aquilo, porém, que está claro, nem sempre é o mais fácil de se fazer.

A prática do bem é luz indispensável à conquista da felicidade; todos sabemos disso. Todavia, quem de nós já consegue acendê-la sem sacrifício?

O auxílio espontâneo ao próximo é base de segurança. Isso é irrecusável. No entanto, quanto tempo despenderemos ainda no aprendizado integral de semelhante lição?

Em todos os obstáculos por vencer e em todas as sombras por extinguir, engajemos a paciência a serviço do coração. Paciência em tolerância e entendimento, perante todas as provas e lutas que o mundo nos ofereça.

Na Terra, o progresso, na ordem material de vossas realizações, pode seguir vertiginosamente pelas avenidas da inteligência. Entretanto, sem o lubrificante da paciência, na máquina de nosso relacionamento uns com os outros, a velocidade no plano físico, muito comumente, nada mais fará que ressecar as engrenagens da vida, precipitando-vos, muitas vezes, em desequilíbrio ou desastre, estafa ou perturbação.

* * *

Se aspirais a encontrar diretrizes seguras que vos garantam a estabilidade do lar ou do grupo social a que pertenceis, se almejais obter o máximo rendimento do trabalho em vossas mãos, se quiserdes realmente apoiar os entes queridos e se efetivamente desejais viver com tranquilidade e produzir abundantemente, cultivai a paciência à frente de tribulações e problemas que se vos repontem da estrada, sejam quais forem, de vez que unicamente no exercício incessante da paciência é que descobriremos dentro de nós o território da paz, no qual edificaremos, por fim, o reino imperecível do amor.

25

No trânsito da vida**(J. Herculano Pires)**

Emmanuel nos lembra que o trânsito da vida exige cuidado e atenção. Os sinais desse trânsito assemelham-se aos do trânsito de veículos. Quando temos pela frente o sinal verde podemos avançar tranquilos, mas nem por isso menos vigilantes. Quando surge o sinal amarelo da inquietação devemos esperar. Mas quando o sinal vermelho da impaciência nos barra violentamente o caminho só nos resta parar, olhar com atenção para os lados, examinar à frente e à retaguarda, medir nossa posição e não nos precipitarmos em protestos e reclamações. Porque o trânsito, afinal, deve ter as suas regras para que todos possam transitar em segurança. A confusão do trânsito só pode prejudicar a nós mesmos e aos outros.

Estamos no século da velocidade e não gostamos de perder tempo. Emmanuel nos adverte, porém, que a velocidade resseca as engrenagens do veículo. O guincho rascante das ferragens traduz-se em angústia e aflição quando se trata do veículo do corpo em seus atritos com os anseios da alma. Podemos cair em desequilíbrio, provocar um desastre, entregar-nos à estafa ou à perturbação. Tudo isso por falta do lubrificante da paciência que podemos obter ao bom preço de um pouco de tolerância e compreensão.

Agitamo-nos porque as horas passam depressa e a vida é curta. Mas quanto mais nos agitamos mais aceleramos as horas e encurtamos a vida. A palavra paciência tem origem na expressão latina *patientia* que deriva de *pati*, sofrer, suportar o sofrimento. Isso talvez nos ajude a compreender o seu sentido. Se não suportamos com calma o que nos faz sofrer (ou os que nos fazem sofrer) faltamos com o bom senso e com a caridade. Os que nos fazem sofrer estão sofrendo, seja por ignorância ou por maldade, e num caso como no outro temos para com eles o dever moral da fraternidade.

Não vivemos isolados, mas em sociedade, e se queremos a paz e a felicidade temos de ajudar os outros a encontrá-las. Isso não é fácil, bem o sabemos. O próprio Job, símbolo da paciência, amaldiçoou e blasfemou nas suas provas. Mas a paciência é uma conquista que temos de realizar por meio da compreensão e do amor. Quem não ama não espera e nada suporta.

26

Mocidade e velhice

(Chico Xavier)

Nossa reunião foi precedida por longa conversação entre os amigos que vinham de pontos diversos. O tema central era a idade física. Falava-se das criaturas que se sentem imprestáveis ainda na juventude, enquanto outras sentem-se vigorosas aos oitenta dezembros.

Por que isso? Por que existem homens desanimados aos vinte anos, quando outros se sentem ativos aos oitenta? Em que tempo se deve colocar o limite entre a mocidade e a velhice?

O assunto estava em plena agitação, quando as nossas tarefas começaram. E *O Livro dos Espíritos*, logo após, deu-nos para estudo a questão 680, sobre os entendimentos em foco.

Ao término de nossas atividades, o nosso caro Emmanuel nos ofereceu a página intitulada “Idade”. É uma página simples, mas os amigos presentes solicitaram que ela faça parte da coleção em lançamento com os seus edificantes comentários.

26

Idade

(Emmanuel)

Madureza física nunca foi obstáculo para o Espírito sequioso de progresso.

Em todos os distritos da vida a criatura é tão jovem quanto os ideais e esperanças que acalenta. E tão gasta quanto o ceticismo ou o desânimo a que se entregue.

Muitos companheiros pretendem marcar a idade da pessoa adulta pelos sinais externos que demonstre; no entanto, isso é mera convenção.

Claro que se o motorista estima o carro que o coloca no centro dos interesses que lhe digam respeito, há de zelar pela conservação dos seus implementos. Ocorre o mesmo com o Espírito, inquilino do corpo que se lhe transforma em instrumento de manifestação: se deseja equilíbrio e segurança, esforçar-se-á por assegurar-lhe as mais sólidas condições de trabalho.

* * *

Se a criança é habitualmente medicada a fim de se desenvolver com eficiência, por que motivo a pessoa adulta deixará de tratar-se como se faz preciso para amadurecer fisicamente com a robustez possível, de modo a sustentar-se útil até as derradeiras possibilidades do veículo de que dispõe?

* * *

Não creias em velhice unicamente porque o tempo te haja dotado com valiosas experiências.

Convence-te de que és um Espírito imortal usando um corpo perecível. E se vives na disciplina do trabalho, com a ginástica do pensamento reto, conservarás sempre a juventude espiritual – a que se erige, por fonte de constante renovação, melhorando o presente e construindo o futuro.

26

O inquilino do corpo**(J. Herculano Pires)**

A juventude é a fase das esperanças e dos entusiasmos. José Ingenieros acentuou, em *As Forças Morais*, que “a juventude toca a rebate em toda renovação”. Mas na verdade falta-lhe a experiência, a vivência existencial (pois cada existência traz os seus problemas novos) para que ela possa controlar as suas forças e aplicá-las com eficiência. O Espírito, esse “inquilino do corpo” como Emmanuel o chama, precisa de tempo para dominar a nova situação em que se encontra. Lembremos que Jesus só se entregou à sua missão na idade madura e Kardec só iniciou a Codificação do Espiritismo aos cinquenta anos de idade.

Devemos nos lembrar, por outro lado, que cada Espírito traz as suas dificuldades e muitas vezes precisa vencê-las na fase juvenil a fim de sentir-se desembaraçado na madureza e na velhice, para o cumprimento de seus novos encargos. Não é fácil atirar à beira do caminho os pesados fardos do passado, o que não raro demanda longos sacrifícios. Ingenieros tem razão ao assinalar a função renovadora da juventude, mas ele mesmo adverte que há jovens-velhos e velhos-jovens. Hoje, que a população mundial cresce velozmente, os jovens são maioria e fazem sentir a sua presença em todos os setores de atividade. Não obstante, são ainda os homens maduros e os velhos que dirigem o mundo. E até mesmo no campo novíssimo da Astronáutica a experiência da maturidade se impôs sobre os arroubos da juventude.

A razão de Emmanuel é evidente. Não podemos crer em velhice quando vemos que o tempo nos traz a riqueza da experiência. Não há limite preciso entre juventude e velhice, quando o “inquilino do corpo” conseguiu dominar o seu instrumento e conservá-lo viril através dos anos. Esse “inquilino”, o Espírito, não envelhece. Pelo contrário, o tempo o aprimora e aguça, dando-lhe a juventude que se repete, cada vez mais bela e segura, em cada nova encarnação. A juventude terrena é um tempo de

preparação do homem em cada existência. A juventude espiritual é a atualização dos poderes do espírito de maneira definitiva, acima da transitoriedade da matéria.

27

Felicidade na Terra

(Chico Xavier)

O tema central que nos reunia as conversações era o da felicidade na Terra. Todos os companheiros se referiam ao assunto quase calorosamente, quando a nossa reunião de estudos foi iniciada.

O Livro dos Espíritos nos ofereceu a questão 921,¹⁸ sobre os entendimentos em foco. Ao término de nossas tarefas foi o nosso caro amigo espiritual André Luiz quem veio encerrar os comentários, com a página “Paz Íntima”.

27

Paz íntima**(André Luiz)**

Guarda sempre:

- a confiança em Deus e em ti mesmo;
- a consciência tranquila;
- o tempo ocupado no melhor a fazer;
- a palavra construtiva;
- a oração com trabalho;
- a esperança em serviço;
- a paciência operosa;
- a opinião desapaixorada;
- a bênção da compreensão;
- a participação no progresso de todos;
- a atitude compassiva;
- a verdade iluminada de amor;
- o esquecimento do mal;
- a fidelidade aos compromissos assumidos;
- o perdão incondicional das ofensas;
- o devotamento ao estudo;
- o gesto de simpatia;
- o sorriso de encorajamento;
- o auxílio espontâneo ao próximo;
- a simplicidade nos hábitos;
- o espírito de renovação;
- o culto da tolerância;
- a coragem de olvidar-se para servir;
- a perseverança no bem.

Conservemos semelhantes traços pessoais, na experiência do dia-a-dia, e adquiriremos a ciência da paz íntima com o privilégio de encontrar a felicidade pelo trabalho, no clima do amor.

27

O esquema da felicidade**(J. Herculano Pires)**

Viver é fácil. Mas existir é muito difícil. As plantas e os animais vivem naturalmente. Os homens não podem apenas viver; precisam, também, acima de tudo, *existir*. As filosofias existenciais confirmam a tese espírita ao sustentar, em nossos dias – como novidade filosófica – que o homem é um *existente*, um ser que existe conscientemente. No Espiritismo aprendemos que a vida é infinita, mas as existências sucessivas na Terra e noutros mundos materiais são finitas. Aquelas filosofias dizem que o homem nasce com sua *facticidade*, nasce feito, mas, durante a existência, deve superar-se a si mesmo, deve transcender a sua condição humana. O Espiritismo nos ensina que a transcendência é o objetivo das existências sucessivas.

Bastaria isso para nos mostrar que a Filosofia Espírita antecipou o pensamento filosófico do nosso tempo e o transcendeu, revelando outra forma de existência, que é perispiritual, a de após a morte, em que o espírito passa a existir no perispírito ou corpo espiritual. A transcendência humana, que Sartre negou na sua filosofia existencial, mas que a maioria dos filósofos existenciais sustenta como real, é acessível ao conhecimento humano, como Kardec demonstrou através da pesquisa científica. Hoje as próprias ciências materiais estão comprovando isso. As duas maiores provas, ambas irrefutáveis, foram feitas pelas pesquisas parapsicológicas (prova da natureza extrafísica do homem) e pelos físicos e biólogos soviéticos, com a descoberta do corpo energético ou corpo bioplástico do homem.

Colocado nesses termos o problema da vida humana na Terra, podemos facilmente compreender que a felicidade terrena é uma questão de adaptação da criatura às condições da sua existência. Essa adaptação não representa simples acomodação, pois a principal condição a ser levada em conta é a da necessidade de transcendência. À luz do Espiritismo, o homem não é apenas um *existente*, mas um *interexistente*, um ser que vive entre duas formas

existenciais: a material e a espiritual. Atender somente às exigências existenciais seria acomodar-se, como queriam os estoicos, às condições imediatas. É necessário atender também às exigências do espírito que estão em nossa própria consciência. A interexistência é, assim, uma forma de equilíbrio.

O esquema da felicidade, que André Luiz nos apresenta, é um verdadeiro trabalho técnico. O encadeamento das proposições é perfeito e cada uma delas exige um estudo especial. “A confiança em Deus e em ti mesmo” implica o problema da fé divina e da fé humana colocado por Kardec. E da sua realização em nós decorre a proposição seguinte: “a consciência tranqüila”. Essas proposições, analisadas em si mesmas e na sua seqüência, dariam um livro que poderíamos intitular *A Técnica de Existir*. Os Espíritos não se comunicam à toa. Suas mensagens devem ser lidas e meditadas com atenção e profundidade.

28

Sobre o feminismo

(Chico Xavier)

As opiniões sobre o feminismo explodiam nos comentários que precederam a nossa reunião pública. Era noite de sábado. Em nossa visita aos lares de vários irmãos, os grupos de companheiros procedentes de cidades diversas falavam da posição da mulher na atualidade.

De todos os pareceres sobressaíam, felizmente, as considerações sobre a maternidade e sua importância evidente para o mundo e a vida. Mas, apesar disso, definições estranhas eram formuladas por várias irmãs que discutiam os problemas do feminismo acaloradamente.

Quando terminou a visitação em que nos empenhávamos, foi iniciada a parte final de nossas tarefas com a reunião habitual, quando se comunicam os nossos Benfeitores Espirituais. Depois do estudo rápido da codificação kardequiana, feita a prece inicial, *O Livro dos Espíritos* nos ofereceu à meditação a questão 890. E ao término de nossos ligeiros estudos foram várias as poetas desencarnadas que se comunicaram, dando-nos pela psicografia as trovas a que denominaram “Notas de Mulher”.

28

Notas de mulher**(Espíritos diversos)**

Na estrada mais rotineira
O homem, por mais que valha,
Quando perde a companheira
A vida se lhe atrapalha.

Rita Barém de Melo

Sócrates, César, Cervantes...
Homens de brilho imortal...
De todos esses gigantes
A mulher é o pedestal.

Narcisa Amália

Muito Espírito no Além,
Sonhando a luz do porvir,
Pede um corpo de mulher
Para aprender a servir.

Maria Rosa

Conceito sábio e profundo
De inspiração lapidar:
O homem levanta o mundo,
A mulher sustenta o lar.

Antonieta Saldanha

É preciso andar sem corpo,
Vagando de alma ferida,
Para saber quanto vale
Um colo de mãe na vida.

Amélia Brandão

Um berço que a vida empresta
Para elevar o destino,
É Deus que se manifesta
No coração feminino.

Francisca Clotilde

Mulher errada de todo?!...
Mera injúria ao que não há.
Joga a semente no lodo
Que o lodo florescerá.

Ivete Ribeiro

No mar revolto da vida,
Ao sabor de vento e vaga,
Por mais largada e esquecida,
Mãe é luz que não se apaga.

Auta de Souza

Entre as criaturas mortais,
Ante ilusões e empecilhos,
Irmãs, não vos esqueçais
Que os homens são nossos filhos.

Vivita Cartier

Mães e mãos – harpas de amor
De poder incontroverso
Com que Deus cria o trabalho
Por música do Universo.

Julinda Alvim

Enquanto a mulher for mãe,
Por mais que o mundo a degrade,
Isto é sinal de que Deus
Confia na Humanidade.

Benigna da Cunha

28

Conjugação verbal**(J. Herculano Pires)**

O problema do feminismo foi solucionado pelo Espiritismo, em meados do século passado. A questão 890 de *O Livro dos Espíritos* trata do amor maternal e a questão 822 coloca o problema da igualdade entre o homem e a mulher. A solução é simples e precisa: igualdade de direitos e diversidade de funções. Homem e mulher se complementam na vida terrena, são formas de encarnação com funções diversificadas na dinâmica da evolução. Na forma masculina, o Espírito enfrenta experiências que lhe desenvolvem as faculdades viris; na forma feminina, as que lhe aprimoram as faculdades afetivas. Por mais que se acentuem as mudanças sociais no mundo, haverá sempre a diversidade de funções entre homem e mulher, mas a igualdade de direitos se acentuará com o desenvolvimento da civilização.

É o que ressalta de uma análise de conjunto das trovas místicas dessas onze poetisas desencarnadas, todas elas conhecidas em nossas letras. Antonieta Saldanha define bem a situação, nos versos: *O homem levanta o mundo / A mulher sustenta o lar*. No campo dos direitos, a mulher pode desempenhar encargos até há pouco só reservados aos homens, mas, no campo das funções, cada qual tem a sua posição biológica e social bem definida e irreversível. Um poeta espiritual soprou-nos a seguinte trova que parece esclarecer a questão:

Homem e mulher – dois tempos
Do verbo amar sobre a Terra
Em que as almas se conjugam
Na vida que se descerra.

O feminismo exacerbado é tão insensato como o machismo. Ambos representam posições extremas que revelam incompreensão do problema. O homem que escraviza a mulher diminui a si mesmo, e a mulher que pretende sobrepor-se ao homem nada mais faz do que aviltar-se. Quando a mulher assume na vida so-

cial uma função masculina, o seu dever não é competir com o homem, mas dar-lhe o exemplo de desempenho equilibrado dessa função em que o homem, pelo seu machismo ridículo, em geral se desmanda. As mãos da mulher, como acentua Julinda Alvim na sua trova, devem semear notas de amor na função em que o homem só tem desferido marteladas.

Alguns espíritas não aceitam a tese doutrinária da encarnação do Espírito ora como homem, ora como mulher. São criaturas sistemáticas e convencidas da suposta superioridade masculina.

Mas a verdade espírita é uma só: o espírito não tem sexo e as suas encarnações dependem das exigências da evolução espiritual, não se sujeitando à tolice dos preconceitos humanos. Basta lembrarmos que sem a mulher o homem não poderia existir e sem o homem a mulher também não existiria.

– Fim –

Notas:

¹ Por outras dimensões desejamos dizer outros mundos, compreendendo-se que a matéria pode variar ao infinito, em graus de densidade, em relação aos temas fundamentais do progresso e do burilamento do Espírito, de plano a plano da evolução ou de mundo para mundo. (Nota de Emmanuel.)

² Ano de 1973.

³ Nota da Editora – Eis a questão 943 de *O Livro dos Espíritos*:

Pergunta – De onde vem o desgosto pela vida que, sem motivos plausíveis, se apodera de alguns indivíduos?

Resposta – Efeito da ociosidade, da falta de fé e geralmente do fastio. Para aqueles que exercem as suas faculdades com um fim útil e segundo as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida passa mais rapidamente. Suportam as suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto mais agem tendo em vista a felicidade mais sólida e durável que os espera.

⁴ Recebido em grande solenidade realizada na Capital Paulista a 19 de maio de 1973.

⁵ Reunião pública de 7 de fevereiro de 1973.

⁶ O Evangelho é sempre aberto ao acaso por uma das pessoas presentes. Caiu o tema predileto de Cid Franco – o do amor ao próximo, sobre o qual escreveu vários poemas e trabalhos em prosa que enriquecem a nossa literatura.

⁷ Os itens mencionados de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ensinam que o trabalho é uma exigência natural da evolução do homem e que os Espíritos não vêm libertar-nos do esforço próprio na solução dos nossos problemas, mas apenas mostrar-nos “o alvo que devemos atingir e a rota que a ele nos conduz”.

⁸ O autor espiritual é o poeta José Júlio da Silva Ramos, que foi professor do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Filólogo e formado em Direito pela Universidade de Coimbra, pernambucano, sua mãe era portuguesa e ele foi educado em Portugal. Sua temática foi toda de origem peninsular. Morreu no Rio de Janeiro em 1930.

⁹ 73ª obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.

¹⁰ Epifânio Leite de Albuquerque nasceu e morreu em Fortaleza, Ceará (1891-1942). Autor do livro de poesias “Escada de Jacó”, membro da Academia Cearense de Letras, foi juiz de Direito em Baturité, no mesmo Estado. Sua poética se caracteriza pelo rigor formal e a delicadeza de sentimentos.

¹¹ Nota da Editora – Esta é a questão 733 de *O Livro dos Espíritos*:

Pergunta – A necessidade de destruição existirá sempre entre os homens na Terra?

Resposta – A necessidade de destruição diminui entre os homens à medida que o espírito supera a matéria. É por isso que ao horror da destruição vemos seguir-se o desenvolvimento intelectual e moral.

¹² O item 16 do capítulo X de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é uma mensagem psicográfica recebida em Bordeaux, na França, em 1863. Traz a assinatura de um Espírito protetor que dava simplesmente o nome de José. A tônica dessa mensagem está na segunda frase:

“Sede severos para convosco e indulgentes para com os outros.”

¹³ O Dia das Mães encontra grande ressonância no plano espiritual. Os Espíritos esclarecidos sentem a necessidade de ativar os sentimentos filiais na Terra, mormente nesta fase de transição em que os valores morais estão sendo submetidos ao impacto das mudanças de costumes e, portanto, do estilo tradicional de vida. É necessário preservar os valores reais

que não se fundam apenas em formalidades sociais, mas também e principalmente nos deveres espirituais da criatura humana. Maria Dolores é um dos Espíritos que, através de Chico Xavier, mais se dedicam a essa campanha de preservação.

¹⁴ A pergunta 919 de *O Livro dos Espíritos* refere-se ao meio mais eficaz de nos melhorarmos. A resposta é dada por Santo Agostinho, que encarece a importância de nosso exame diário de consciência sobre o que fizemos e dissemos durante o dia.

¹⁵ O item citado do capítulo XXIV é um breve comentário de Kardec ao ensino de Jesus: “Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me”. O comentário acentua o sentido espiritual desse trecho evangélico, lembrando que enfrentamos na Terra as vicissitudes necessárias ao nosso desenvolvimento espiritual.

¹⁶ Aos sábados Chico Xavier realiza a tradicional *Peregrinação*, que consiste numa visita coletiva a famílias necessitadas. A cada lar é levado um pequeno auxílio material, fazendo-se no momento da entrega, a leitura de uma mensagem espiritual. Chico conversa com os visitados, dando conselhos e orientação espiritual. Grande número de pessoas de outras cidades participam dessas visitas.

¹⁷ Os itens citados de *O Livro dos Espíritos* tratam precisamente da questão de pais bons com filhos maus, advertindo que estes são uma prova para os pais e que o dever dos pais é melhorar o Espírito que lhes foi confiado, dando-lhe a orientação necessária.

¹⁸ Na questão 921 os Espíritos advertem que a felicidade terrena é relativa e depende de nós mesmos. Kardec acentua: “O homem compenetrado do seu destino futuro não vê na existência terrena mais do que rápida passagem. Somos punidos nesta vida pelas infrações que cometemos às leis da existência corpórea, pelos males decorrentes dessas infrações e pelos nossos excessos”.